

# **Escolhi a Bahia para viver**

*Perfis de estrangeiros que moram em Salvador e redondezas*

Por

Dimas Novais da Silva

Sob orientação do

Prof. Dr. Mauricio Tavares

Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Comunicação

Janeiro de 2014

Pior que não terminar uma viagem é nunca partir.

*Amyr Klink*

A verdadeira arte de viajar...

A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,  
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.

Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali...

Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!

*Mario Quintana*

## Apresentação

Permitir que o Brasil conheça um pouco mais de si mesmo a partir de olhares estrangeiros que aqui residem. Perceber estereótipos que temos de certas nacionalidades e quais pré-concepções o mundo tem de nós. Construir narrativas sobre interessantes histórias de vidas que nos levem a refletir sobre as nossas próprias vidas. Destrinchar as razões que levaram pessoas a deixarem suas pátrias-mães. Observar o desafio de encarar o novo e adaptar-se a diferentes culturas, climas, pessoas e idioma. Identificar como estes gringos estão inseridos em nossa sociedade. Estes são os objetivos principais do mosaico “Escolhi a Bahia para viver – perfis de estrangeiros que moram em Salvador e redondezas”. Possíveis tendências em construir um personagem estereotipado nas primeiras linhas de cada perfil serão transformadas ao longo do transporte do leitor para o que os tornam semelhantes.

Com o recente boom econômico, na última década, o Brasil tem atraído cada vez mais investimentos internacionais. Fluxos de capitais geram fluxos de pessoas. Muitos estrangeiros, então, têm formado novos lares nesta nação, fato que de imediato motiva a abordagem do tema imigração. O número de residentes não brasileiros em território nacional saltou de 961 mil para 1,54 milhão, um crescimento de 60%, entre os anos de 2009 e 2012, segundo dados do Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça.

A linguagem empregada é o jornalismo literário através do gênero jornalístico chamado de perfil literário. A especialidade envolve a apuração de informações por meio de entrevistas atreladas à subjetividade e à liberdade criativa da literatura. A ruptura dos padrões jornalísticos visa humanizar estatísticas e situações que pareçam longe da realidade dos leitores e seduzi-los a partir de textos mais fluidos, que possam causar identificação. A escolha do perfil como forma de apresentar as vidas estrangeiras se deu pela possibilidade de retratar personagens sem que dados numéricos ou informações factuais sejam justificativa. Cada vida aqui é contada por sua fascinante possibilidade de encantar outras.

Os perfilados, que vivem em Salvador e redondezas, foram escolhidos a partir de um minucioso processo de seleção. Quase 70 estrangeiros que viviam na Bahia foram contatados. Metade deles recebeu uma lista de perguntas básicas por e-mail para que pudesse fornecer informações precisas. A partir dos resultados, 10 gringos foram

entrevistados pessoalmente. Destes, cinco foram definidos como personagens dos perfis produzidos. Os critérios de triagem foram as singularidades de suas origens, das razões pelas quais vieram ao Brasil e permanecem na Bahia, das atividades profissionais e, principalmente, da capacidade de tocar outras vidas.

A intenção foi de encontrar sujeitos que deixaram seus países para residirem no Brasil e que, de alguma forma, tenham parado na Bahia sem data de retorno. Eles precisavam ser imigrantes (legais ou não), mas não turistas. Estes protagonistas têm histórias de vida bem distintas. Cada um apresenta alguma situação de vida interessante o bastante para ser o fio condutor de grande parte do perfil. Tais focos narrativos só puderam ser definidos durante as entrevistas pessoais já que estes eram constatados a partir do modo como cada um os relatava em detalhes.

Sou um declarado apaixonado por culturas peculiares. Artefatos que norteiam viagens, turismo e migração são alvos naturais de meu interesse. A concepção deste mosaico de perfis foi um processo espontâneo, portanto. O caminho para esta produção foi definido após um intercâmbio de estudos entre a Irlanda e a Espanha, entre 2010 e 2011, por 15 meses, no qual tive o meu primeiro contato prático com “o mundo lá fora” – de teoria eu já estava empanturrado. Uma jornada profissional na China, entre 2012 e 2013, que durou 10 meses, me motivou ainda mais para me deleitar sobre a ideia. Em janeiro de 2014, então, finalizei os textos. Que o prazer que tive em debruçar-me sobre cada perfil e todas as pesquisas que os envolveram seja similiar ao contentamento do leitor ao saborear cada página.

Nas imagens abaixo (todas de arquivo pessoal), estão, em ordem, os perfilados Nicolas, Annemiek (com o marido Roberto e o filho Manuel), Umaro, Faustina (com seu filho Valentin) e Graham.

Boa leitura!



## Sumário

<b>Sonho real e mítico - Perfil de Nicolas .....</b>	<b>06</b>
<b>Quilômetros de tranquilidade - Perfil de Annemiek .....</b>	<b>20</b>
<b>Vida em Crioulo – Perfil de Umaro .....</b>	<b>30</b>
<b>Fazendo arte do Uruguai à Bahia - Perfil de Faustina .....</b>	<b>40</b>
<b>Contando os dias - Perfil de Graham .....</b>	<b>55</b>

## Sonho real e mítico

### *Perfil de Nicolas*

“Pontual você, hein? Quase alemão.”

Com essa frase, Nicolas Stockmann me recebeu para a entrevista que iria compor este perfil. Os 90 graus impressos pelos ponteiros do relógio foram motivo de surpresa para ele que, como típico alemão, valoriza a hora marcada. Foi às 15h de uma sexta-feira, que bati na porta de seu apartamento, na Avenida Princesa Isabel, na Barra, em Salvador.

Muito ocupado com constantes viagens, o encontro só foi confirmado no dia anterior. Foram reservadas por ele duas horas (exatas) para o papo. Ou melhor, “somente das 15h às 17h”. Caso eu chegasse atrasado, não haveria, em teoria, prorrogação. Entretanto, seu compromisso seguinte foi cancelado e quase dobramos o tempo de conversa. O acréscimo rendeu bastante. Sorte minha.

Mas, como alguém que preza tanto por hora marcada, consegue viver há quase cinco anos em Salvador e ainda gostar tanto? “Estou me adaptando. Ainda acho importante chegar no tempo agendado, mas se marco um bar com uns amigos, não ligo tanto. Já sou quase um baiano.”

Sentado em uma cadeira reclinada, com os pés em um tamborete de madeira, ele tem dificuldade de precisar quando começou a viver propriamente no Brasil. É que Nicolas viajou algumas vezes para o país antes de realmente se fincar aqui. As duas almofadas nas costas dão a pista de que é ali que ele passa boa parte de suas horas. Ao menos, quando sua agenda permite – ou exige. Na mesa, à sua frente, um laptop, várias canetas e livros de viagens, como dois guias sobre o Rio de Janeiro e um sobre a Colômbia, da editora Lonely Planet. Na mesa de centro que nos separa, duas pilhas de publicações – quase todas também sobre rotas turísticas – encabeçadas por um dicionário de baianês e uma das principais referências em turismo no país, o Guia Quatro Rodas (edição “O Melhor do Brasil em 2014”).

Apesar de ter cerca de 1,90m de altura, ser loiro (cor que se confunde com espaçados tons grisalhos) e ter olhos azuis, ele não é um gringo óbvio, de acordo com o estereótipo que nosso imaginário guarda de um alemão. Nem quando abre a boca. Aos 44 anos, o alemão da cidade de Colônia tem um conhecimento preciso do idioma

português. Tensões verbais e gêneros – tormentos para falantes de idiomas de raízes germânicas – são articulados com eficiência. É possível notar até certo tom baiano em terminações um pouco mais arrastadas. Mas seu sotaque é mesmo misto.

“Meus erros de português você vai consertar, né?”, pergunta, humilde. “Meu português não é muito bom. Podia ser melhor. Nunca estudei mesmo. Tudo o que aprendi foi por meio das conversas. Estudei um pouco em casa, comprei uma gramática, mas nunca fiz um curso”, explica.

### **A aventura começa**

Como turista, em 2002, Nicolas chegou pela primeira vez no Brasil. Havia dois meses que o país tinha se sagrado pentacampeão mundial de futebol, na Copa do Mundo da FIFA. Se por um lado ele pôde aproveitar a intensa alegria da nação verde e amarela, por outro não lhe faltaram chacotas, já que a Alemanha foi a seleção vice-campeã da competição – ou melhor, a derrotada na final. Apesar da nacionalidade, como Nicolas já estava com a viagem marcada, sua torcida foi para o Brasil. Além de não ir com a cara da equipe da seleção comandada pelo técnico Völler, o que ele queria mesmo era comemorar com os brasileiros.

A aventura foi organizada com o conterrâneo Jochen Österreicher, logo após terminar sua faculdade de psicologia. A ideia era ficar na terra por dois meses. A realidade foi bem diferente. “Tava muito feliz aqui. Prorroguei três vezes o meu voo de volta e acabei ficando cinco meses.” Como tinha mais tempo disponível, Nicolas veio primeiro e fez um bom reconhecimento de área por um mês até que o amigo chegasse. Pela importância que essa jornada teve em sua decisão de viver no país, sobre ela falamos por quase uma hora.

O destino inicial foi Salvador. “Desde então, me considero um nordestino de coração. Para mim, o que mais simboliza o Brasil (os valores e a imagem da nação exibidos lá fora) se encontra no Nordeste. Sempre me senti em casa em todos os lugares que fui na região”. Simpatia, hospitalidade, praias, clima, música, dança, folclore, história. São muitos os porquês. São clichês, mas são os seus porquês.

Apesar dos constantes elogios que faz ao céu ensolarado do país, os três primeiros dias da jornada foram debaixo d’água. A intensa chuva que caía o impediu de curtir bem a cidade. Ele ficou ilhado no local em que estava hospedado, no Pelourinho. Após um ano de intensos estudos, Nicolsa estava ansioso para se deleitar em uma praia.

Relaxar era verbo imperativo. Por sugestão de baianos, seguiu para Fortaleza, capital do Ceará. Mais tarde, partiu rumo a Jericoacoara, um vilarejo de pescadores – a aproximadamente 300 km ao sul da capital. As ruas de areia, sem carros, deixaram-no encantado. Uma semana depois, curtiu Canoa Quebrada, também no litoral do Ceará.

As paradas seguintes foram Praia da Pipa (no Rio Grande do Norte), Porto de Galinhas (em Pernambuco) e Praia do Forte, de volta à costa baiana. “Foi aí que me apaixonei.” O vilarejo lhe surpreendeu pela beleza e simplicidade. “Na Europa, quase não há lugares assim mais. Todas as ruas são asfaltadas. É tudo totalmente civilizado,” lamenta. Hospedado em um albergue, ele se deliciou tanto com o cenário paradisíaco que voltou lá quatro vezes durante aquela estadia no Brasil. Atualmente, mesmo com todas as mudanças estruturais que a região sofreu resultando em muito mais turistas e estabelecimentos comerciais, ele continua achando o lugar lindo, apesar de julgar os preços praticados por lá mais altos do que o necessário.

A essa altura da jornada suas habilidades lusófonas já haviam ganhado uma substancial melhora. Uma alemã, filha de portugueses, com quem havia namorado, anos antes, foi a responsável por introduzi-lo ao idioma. Escutando-a conversar com familiares e em viagens que faziam para Lisboa, capital de Portugal, seu gosto pela língua foi sendo aguçado. Nicolas chegou a procurar um curso de português, mas, para seu descontentamento, a professora era brasileira. Era o sotaque lusitano que lhe fascinava e o Brasil, até então, não lhe chamava atenção.

## **O sonho que mudou sua vida**

Apesar de ter vindo dessa ex-namorada alemã-portuguesa a recomendação para que ele conhecesse as terras brasileiras, o martelo só foi batido anos mais tarde, após Nicolas ter passado por uma experiência quase onírica. Risos introduzem a história.

“É interessante, quase mítico. Uma noite, tive um sonho. Você sabe, sou psicólogo, a gente sabe que sonhos têm um poder muito grande. Durante um sonho você não sabe se está vivendo a realidade ou não. Pode ter sentimentos fortes de todos os tipos: alegria, medo, enfim. Tive o melhor sonho da minha vida, com muita felicidade, muita alegria. Lembro até hoje da sensação forte que senti, embora não lembre o que houve no sonho em si. O importante é que, antes de acordar, ouvi uma voz falando para mim: ‘Vá para o Brasil’. Nunca tinha pensado antes sobre ir ao Brasil. Para mim era um país qualquer, como todos os outros. Acordei pensando: ‘Que loucura foi essa?’”



A despeito do espanto inicial, Nicolas seguiu a vida sem dar muita bola a tal quimera. Contudo, passou a se inquietar diante de qualquer menção ao Brasil que ouvisse, lesse ou visse. As histórias sobre o país, contadas por um amigo que voltara recentemente de viagem, por exemplo, lhe deixavam nervoso. “Queria saber tudo. Foi uma energia diferente.” Outros conhecidos narravam aventuras por outros cantos, mas nada lhe tocava. Tal indiferença definitivamente não existia quando o assunto era o Brasil.

Música sempre foi presente e relevante em seu cotidiano. Apesar de não considerá-los muito conhecidos na Europa, Nicolas passou a buscar por sons brasileiros e se impressionou. “Fiquei pensando: Que país deve ser esse, com pessoas que conseguem fazer esse tipo de música, que toca tanto meu coração?”. Hoje, o alemão considera a produção musical brasileira uma das melhores do mundo no que tange à criatividade e à diversidade rítmica. Como acontece com muito estrangeiro mundo afora, foi a singular estética harmônica da bossa nova que lhe abriu as portas para a musicalidade nacional. Fisgado imediatamente por “Garota de Ipanema”, na versão interpretada por Astrud Gilberto (ex-esposa de João Gilberto), o gênero lhe arrebatou. Como resultado de pesquisas posteriores, Nicolas também passou a apreciar o som de Lô Borges, Edu Lobo e Djavan, nomes de destaque para ele.

### **A confirmação**

Um mês após a chegada ao Brasil, Nicolas voltou a Salvador para se encontrar com o amigo Jochen, que acabara de aterrissar. Juntos, exploraram a capital baiana e seu litoral, incluindo, claro, a Praia do Forte. Não tardou, até a dupla rumar para o Rio de Janeiro, onde se hospedaram na residência de um casal de brasileiros, amigos de um amigo de Nicolas. Durante uma semana, praias, restaurantes, pontos turísticos e muito bate-papo foram suficientes para deixá-los encantados com a Cidade Maravilhosa e eternamente gratos pela hospitalidade e atenção dos anfitriões.

Com a volta de seu amigo para a Holanda, Nicolas resolveu conhecer a região sul do Brasil e fez amizades, principalmente com outros estrangeiros, pelos albergues em que se hospedava. Chegou a estender seus caminhos até a Argentina, mas se sentiu estranho ao fazer isso. “Me senti culpado, tive um sentimento de traição ao cruzar a fronteira”, comentou, em meio a risadas. Em Buenos Aires, não se sentiu tão acolhido,

além de não aprovar o clima local. “Imaginava que os países da América do Sul fossem muito parecidos”. Doce ilusão.

– De onde você está vindo? – perguntou uma simpática estudante de turismo local, ao lhe ajudar com informações na rodoviária da capital argentina.

– Do Brasil – respondeu Nicolas.

– Ahhh, Brasil! Um país maravilhoso. Todo mundo alegre, todo mundo sempre sorrindo.

– Como assim? Aqui na Argentina não é assim?

– Não, aqui é muito diferente. Aqui todo mundo reclama sempre.

O desânimo lhe deu boas-vindas. No primeiro dia, já queria voltar. Após a viagem, não deu outra. Primeiro, veio a decepção pela recente jornada. Depois, a confirmação: “percebi que a minha casa era mesmo o Brasil”.

De passagem por Porto Alegre, conheceu um suíço com quem construiu grande amizade. Por influência do amigo, foram juntos à versão brasileira da Oktoberfest, em Blumenau. O evento original é umas das festas mais famosas da Alemanha e, por sinal, ele detesta mesmo sem nunca ter ido. “Achei interessante ir, mas não me empolguei muito. Não gosto desse tipo de música que vem da Bavária, no sul da Alemanha. Para mim, isso não tem qualidade. Para mim, música é importante. E essa é muita brega. É chata”, afirma, sem rodeios. Anos depois, este amigo morreu afogado em uma praia do país.

Para lá e para cá, Nicolas cultivou a Praia do Forte como refúgio no Brasil, enquanto seu ponto de “reabastecimento” se tornou Niterói. Sempre voltava ao apartamento do casal de amigos para lavar roupas e resolver outras burocracias típicas de viajantes. O edifício, aliás, lhe causou fascinação, já que não tinha ideia de que se podia morar bem em um prédio. “Na Alemanha, não é assim. As pessoas mais pobres moram em prédios altos. Mas não são nada bonitos e não têm porteiros. Nada. A classe média alta vive em casas pequenas, próprias, de quatro, cinco andares, no máximo.” No resto do tempo em que passou no Brasil, ele visitou outros destinos, como a megalópole São Paulo. “É muito grande, não consegui compreendê-la bem.” Sua peregrinação acontecia sempre de ônibus. Avião, somente para chegar e sair do país. “Até hoje, falo que foram os cinco meses mais felizes da minha vida. Me senti tão livre, energizado, calmo, zen mesmo. Uma tranquilidade...”

## **Super viagem, super oportunidade**

Seu retorno à Alemanha foi doloroso. Sentia-se constantemente nostálgico em relação ao Brasil, mas o dinheiro que tinha não era suficiente para ficar aqui por mais tempo. Chegou a ficar doente. Frio. Saudade. Psicologicamente, foi difícil voltar para o inverno. As temperaturas eram mais baixas também na relação com as pessoas. “O alemão é mais sério, mais distante, às vezes mais chato. (...) Claro que não todos. Mas temos uma reputação.”

Em 2003, por um ano, trabalhou com psicologia do meio ambiente na Alemanha mesmo, mas não se sentia realizado. Foi quando uma amiga lhe contou sobre uma ideia de dar a volta ao mundo em um ano. Nicolas não pensou duas vezes e embarcou na aventura. No entanto, antes de começar a jornada, enviou uma carta para uma editora de literatura de viagens perguntando se não haveria um projeto sobre o Brasil em que pudesse se inserir. A intenção era ganhar dinheiro para pagar as despesas de suas façanhas, enquanto pudesse desvendar mais cantos brasileiros. A empresa se interessou e lhe ofertou uma proposta para escrever um guia turístico sobre o país. “Foi um choque. Eles queriam que eu escrevesse o livro inteiro.” Com a viagem pelo globo já programada, ele pediu algumas semanas para pensar.

Embora tenha embarcado para a exuberante Tailândia, o primeiro destino da superviagem, sua cabeça não passeava por lá, mas pela possibilidade de estar no Brasil novamente, mas, desta vez, por um longo período. E o óbvio aconteceu. Nicolas aceitou a proposta. Foi na Ásia que começou a escrever as primeiras páginas do guia a partir das vivências que já carregava no currículo. O roteiro ao redor do mundo seguiu pela Austrália e Nova Zelândia, mas só durou três meses. Os outros nove foram no Brasil. Nicolas faz questão de dizer que, mesmo “turistando” nestes países, ele morria de saudade do povo brasileiro e não via a hora de regressar.

Finalmente de volta ao Brasil, o alemão teve uma desagradável recepção. Foi vítima de um assalto em Porto Alegre. Curiosamente, Nicolas lembra com humor da situação. Em um bar, com duas garotas que conheceu em uma viagem de ônibus, um rapaz sacou uma arma, pedindo todo o dinheiro que tinham. Delas, ele exigiu também os demais pertences. Uma das garotas não quis entregar o celular inicialmente, alegando que perderia todos os contatos armazenados na agenda do aparelho. Após uma breve discussão (que o alemão achou hilária), tudo foi levado. “O rapaz foi bem educado, não

nos ameaçou, nem nos apontou a arma. Não houve nenhuma violência física. A cena foi mais dramática para elas que para mim. Como psicólogo, as ajudei a se recuperarem.”

Era junho de 2004. Foi nesse momento que Nicolas acredita ter fincado sua vida no país. Após visitar outras cidades, ele seguiu para João Pessoa, capital paraibana, para atuar em um escritório de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba. Era um trabalho voluntário, que ele mesmo encontrou, para ter uma experiência no país sob a perspectiva de alguém com rotina, com contato profissional com outros brasileiros. Outra motivação foi a possibilidade de conseguir, por meio disso, um visto de um ano no país, já que como turista seu limite seria de seis meses. Acabou gostando do lugar e, mesmo após o fim do trabalho, permaneceu no município por um ano e meio, no total.

## **A expedição**

Com uma equipe de três outros alemães, ele produziu o tal guia turístico sobre o Brasil em aproximadamente 14 meses. E não somente os textos como também fotografias e mapas. A primeira viagem de pesquisa foi realizada em outubro daquele ano. Nicolas ficou encarregado da região Nordeste e da Bahia. Tal separação aparece não só na organização dos profissionais como ainda na publicação. As razões são o tamanho do estado baiano e sua importância turística. O Sudeste ficou a cargo do professor Helmuth Taubald. As regiões Norte e Centro-Oeste ficaram sob a responsabilidade do jornalista Carl D. Goerdeler, que, segundo Nicolas, é o mais famoso correspondente alemão que escreve sobre o Brasil. Completando o time, o psicólogo Jochen, seu amigo, escreveu sobre o Sul e também sobre a Bahia.

Muito detalhista, Nicolas fazia questão de visitar todas as instituições que descreveu no guia. “Foi um trabalho danado, ninguém tem ideia. Foi um ano muito duro para mim.” Estar sob um sol de 45 graus, descansando em uma praia, pode ser bem agradável quando se tem o mar por perto, mas percorrer cidades freneticamente sob a mesma temperatura, para buscar informações, pode não ser tão prazeroso. “Foi impossível curtir. Foi muito cansativo.”

Além da capital baiana, o litoral do Estado recebeu destaque no livro. De Caravelas a Mangue Seco, foram mais de vinte cidades e praias descritas. Do interior, a Chapada Diamantina foi a região enfatizada. Pela extensão de todo o trabalho, o tempo previsto não foi suficiente para executá-lo e Nicolas não conseguiu finalizar as pesquisas antes de seu visto de um ano expirar. Ele, então, enxergou duas possíveis

soluções: voltar à Alemanha e deixar o guia engavetado por um tempo ou permanecer ilegalmente, dando seguimento a construção do livro. Sua decisão, tomada quase 10 anos atrás, lhe traz problemas até hoje. “Escolhi terminar o guia. Pensei: isso vai trazer um benefício para o Brasil. Estou ajudando o turismo, fazendo propaganda para o país.”

Por ter continuado no território brasileiro três meses a mais que o permitido, Nicolas teve que pagar uma multa no valor de 900 reais. A penalidade está registrada em seu histórico, o que segue sendo uma pedra em seu caminho cada vez que cruza a fronteira de volta. “Parece que fiquei em alguma lista preta e que não dá mais para confiar em mim. Sempre quando entro no país é um saco.”

Em 2011, a Polícia Federal lhe comunicou que havia uma conta em aberto. Era a taxa já paga. Seis anos depois, ele achou que nem teria mais o recibo, mas por quase um milagre, o tinha guardado. Depois de um longo processo, o problema foi resolvido. Até isso acontecer, porém, ele passou por situações desagradáveis. Uma, em especial, lhe fez se sentir humilhado. Afora ter sido um dos primeiros na fila de imigração na entrada no país, Nicolas precisou aguardar o atendimento, por mais de uma hora, porque os policiais não entendiam seu passaporte, que exibia diversos vistos, carimbos e outras informações, como a multa. Além de ter levado um grito do atendente para que ele se sentasse, ou iria tomar o primeiro voo de volta para a Alemanha, ele se sentiu constrangido em ficar às vistas de todos os outros passageiros. “Foi terrível.”

“Entendo isso como uma forma do Brasil seguir a política de reciprocidade. O país age com os estrangeiros como os brasileiros são tratados lá fora. Entendo isso como uma forma de pagar o que o Brasil sofre no exterior. Eu não posso dizer que a Europa recebe todo mundo de braços abertos. Infelizmente, não é assim. Muitos brasileiros já sofreram muito nas polícias federais de lá, especialmente na Espanha, Portugal e Inglaterra, mas, mesmo assim é chato. Às vezes eles inventam histórias. Por exemplo, paguei a multa, em 2006, e entrei no país de novo. Por muitos anos, nada aconteceu. Mas depois...”.

### **Literatura de viagens na Alemanha, um grande mercado**

Depois dos 14 meses de pesquisa de campo, Nicolas precisou de mais quatro meses para organizar as informações que tinha escrito e o fez na Alemanha. Como acreditava que seu trabalho sempre precisaria de correções e nunca estaria perfeito, comprou uma passagem aérea para que se forçasse a ter uma data final para entregar o

guia. A viagem também o relaxaria de todo o estresse pelo qual estava passando. O curioso foi o destino desse voo: Salvador. Mais uma vez. Mas apenas por três semanas.

Dá em diante sua vida se resumiu a idas e vindas. Em 2006, quando a primeira edição do guia foi lançada, Nicolas decidiu passar quase todo o ano na Alemanha, que, naquele ano, sediou a Copa do Mundo. Amante do futebol, ele preferiu acompanhar os jogos no seu país anfitrião. Afastado do Brasil, procurou por grupos de brasileiros que moravam em Frankfurt, onde estava vivendo, para sempre matar a saudade que tinha de falar português.

No ano seguinte, revisões do livro foram necessárias para que a publicação da segunda edição fosse possível, em 2008. A capa dessa versão exibe uma mulata com uma fantasia tradicional do Carnaval do Rio em uma cabine de telefone público, o famoso orelhão. “Isso foi um grande escândalo. Nunca gostei da foto. Comecei a brigar com o editor. Ficou muito feio, porque essa foto contradiz uma política da empresa de não mostrar qualquer país do mundo de uma forma que possa lembrar um turismo sexual. Fiquei muito surpreso quando vi a foto que eles escolheram, inclusive porque não avisaram a nós, autores. Temos o direito de dar nossos comentários.” Para compensar, na edição seguinte, de 2011, a escolha da imagem da capa foi de inteira responsabilidade de Nicolas. O resultado natural foi a Bahia ter sido estampada no guia. “Se você vir como o Brasil é representado no mundo, 90% são fotos do Rio de Janeiro: Pão de açúcar, Cristo, Ipanema, Carnaval do Rio, sambódromo. A gente tem que mostrar outras partes.”

A parceria com a editora Stefan Loose, pela qual os guias estavam sendo publicados, estava dando certo. Nicolas expandiu suas produções escrevendo outras obras sobre o país, além de um livro específico apenas sobre o Rio de Janeiro. Posteriormente, a empresa foi comprada pela tradicional DuMont, editora alemã também especializada em literatura de viagens, que oferece mais de 500 títulos de guias. Dessa forma, ele passou a participar da escrita de várias obras diferentes do ramo de turismo, com marcas distintas, mas com conteúdos semelhantes. Apenas alguns detalhes as diferenciavam enquanto público-alvo. E quanto mais opções para o leitor, mais distribuição e maior probabilidade de vendas de produtos da mesma companhia. “A chave do sucesso é a distribuição. Você tem que ter uma rede para as obras ficarem presentes em todas as livrarias. Se temos três guias na prateleira com três marcas diferentes e a concorrência tem mais um, dois ou três, nossas chances de vender aumentam.” Hoje, após a junção com as marcas Mair, Marco Polo, Baedeker, entre

outras, a DuMont se tornou a maior editora de viagens da Europa e uma das 50 maiores editoras (entre todos os gêneros) do mundo.

Para que se possa entender o mercado alemão deste específico segmento, Nicolas explica que a Alemanha é campeã mundial em viagens e que a língua nativa do país é a mais falada da Europa. Dados divulgados pela União Europeia, através de seu portal oficial sobre educação, afirmam que o alemão é mesmo a língua nativa mais comum entre indivíduos no continente, o que representa 16% da população, seguido de inglês e italiano, com 13% cada, e francês com 12%. O português é a primeira língua de apenas 2% dos europeus. “Um fato que pouca gente sabe”, esclarece. “Somos 80 milhões de alemães, além dos austríacos (‘que falam exclusivamente alemão’), dos suíços (‘que viajam para caramba’), de parte dos italianos, de parte dos holandeses e das populações de Luxemburgo e do Principado de Liechtenstein.”

Perfis diferentes de leitores, por sua vez, exigem formatações diferentes de guias – principalmente para as campanhas de marketing terem mais a explorar. Há obras voltadas para o turismo individual (que traz informações reduzidas e, geralmente, são de bolso) e também para o turismo em família (que descreve mais lugares históricos e são bem ilustradas), por exemplo.

Atualmente, sua equipe fixa é composta por mais duas pessoas, autores contratados pela editora. Quando há necessidade, outros profissionais também integram o grupo. Todos alemães ou falantes do idioma. Apesar da experiência na escrita, ele afirma que trabalhar com outras vertentes do jornalismo não está entre seus anseios. “Sou especializado no setor de turismo, quero mostrar o lado bom do Brasil e toparia fazer reportagens sobre isso. Já tem muita gente que escreve sobre os problemas sociais daqui”. Seu desejo, como afirmou, é que os visitantes do país tenham a melhor experiência possível para que possam compreender a alma brasileira. Com visto atual de três anos como jornalista, no Brasil, ele não é autorizado legalmente a exercer outra atividade profissional. Entretanto, não descarta a possibilidade de, um dia, atuar em algum projeto relacionado às relações Alemanha-Brasil, como a diplomacia. “Eu estava brincando com um amigo, dizendo que daqui a cinco, dez anos, quero ser o cônsul honorário aqui em Salvador.”

No início da vida adulta, Nicolas começou a cursar administração, na Alemanha. Atuou na área profissional por cinco anos, até descobrir – durante um intercâmbio em San Diego, nos Estados Unidos – que aquilo não era o que estava procurando. No retorno ao seu país, a psicologia foi a válvula de escape – ou de encontro com a

satisfação profissional. Apesar de gostar da área, ele diz que não trabalharia com isso no Brasil por dois motivos: seu diploma não é reconhecido aqui e acredita que para atuar no campo de psicologia clínica é preciso ter um domínio cultural e linguístico de mais de 100% do lugar. “Você precisa entender tudo: não só o idioma como também o que está nas entrelinhas.” Tampouco, ele deixaria o Brasil para trabalhar com isso em sua terra de origem. “Atuar na Alemanha não é uma opção.”

### **Turismo no Brasil e suas intempéries**

A partir do conhecimento do ramo de turismo no Brasil, ele considera boa, em geral, a estrutura do país para receber visitantes. Apesar disso, a nação atrai, em média, apenas cinco milhões de turistas por ano. Em 2013, este dado aumentou, batendo a casa dos seis milhões – taxa alcançada com o empurrão da Copa das Confederações e da Jornada Mundial da Juventude, ambas realizadas no ano passado, segundo o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur). Este número é bem pequeno diante das dimensões do país, que é o quinto maior do mundo em território, mas não figura na lista das vinte nações mais visitadas por estrangeiros em 2012, divulgada pela Organização Mundial de Turismo das Nações Unidas. Em primeiro, está a França, com 83 milhões de turistas. Em segundo, os Estados Unidos, com 67 milhões e, em terceiro, a China com 57, 7 milhões de visitantes. Único país latino-americano do ranking, o México está na 13ª colocação, com 23,4 milhões. Das Américas, o Canadá é o terceiro, com 16,3 milhões. O Brasil está logo adiante, com 5,6 milhões, seguido bem de perto por Argentina, com 5,5 milhões de turistas.

A maioria dos gringos que vem conhecer o Brasil é formada por argentinos, de acordo com o Anuário Estatístico de Turismo, organizado pelo Ministério do Turismo do país. Em 2012, quase 1,6 milhão deles passaram por aqui. A soma de todas as outras nacionalidades sul-americanas chega a 1,2 milhão. Da Europa, quase 1,6 milhões vieram ao país como turistas. O Brasil poderia ocupar um posto mais alto nesse pódio, não fosse a barreira já conhecida por todos: a imagem de país violento, afirmou Nicolas. “Muita gente desiste de visitar ao Brasil por medo da criminalidade. O país tem um potencial enorme para turismo. Porém, muitas vezes, já fui a uma praia paradisíaca e me perguntei: ‘Essa praia é tão linda, mas onde estão os turistas?’ Estou quase sozinho.”

Mesmo concordando que o número de assassinatos no país, por exemplo, seja assustador, ele acredita que é possível passar férias com muita tranquilidade por aqui.



Lugares pequenos e longe dos centros urbanos, como Trancoso, Arraial D’Ajuda e Caravelas, são exemplificados. Nicolas consegue ser otimista mesmo tendo sido assaltado duas vezes no Brasil. Além do ocorrido em Porto Alegre, situação semelhante aconteceu em Salvador, em 2009, no Pelourinho. A maneira como encara as circunstâncias do crime chega a ser tola, como se ele tivesse sido algoz de si próprio.

“Aqui não foi muito legal. Da primeira vez foi até engraçado, mas da segunda não. Dois rapazes seguraram meus braços para trás e outro segurou uma faca enorme na minha frente. Roubaram tudo. Fiquei um pouco chocado. Demorei alguns dias para superar o choque desse ato violento. Uma ameaça real à minha saúde, à minha integridade. Para turista, digo que aconteceu, mas também foi minha culpa, porque, nos dois casos, eu estava ferindo as próprias regras que coloco nos livros. A gente dá dicas nos guias sobre como o turista deve se comportar nas cidades grandes. Eu estava violando as orientações dadas por mim, talvez me sentindo seguro demais. Para cortar caminho, atravessei uma rua escura, sem ninguém, aí eles me pegaram. Se eu tivesse ficado em um caminho central, isso não teria acontecido.”

### **Lar na Bahia**

Em 2009, com visto de dois anos (devido ao seu trabalho como jornalista), Nicolas começou a morar de aluguel no apartamento na Barra, do qual hoje é proprietário. “Ter meu espaço foi importante para me dar uma estabilidade maior.” A escolha do bairro se deu por identificação. A falta de necessidade de um carro para transitar pela área lhe atraiu bastante. “Não tenho carro. Não quero e sou contra. Já tem muito carro aqui. Se tem uma coisa que não falta em Salvador é carro.” A proximidade com a praia e com os lugares para os quais ele necessita ir com frequência foi outro ponto positivo. “Aqui tem tudo. Vários amigos moram perto. Para quem me visita é muito bom também”. Para o constante fluxo de amigos que se hospedam com ele, em sua casa há, inclusive, uma cama de solteiro na sala. “Mas em breve ela sai quando eu começar a decorar a casa.”

Nicolas é adepto das fitinhas do Senhor do Bonfim desde seu primeiro contato com Salvador. Seus pedidos, porém, nunca se realizaram. O alemão não pode acusar a tradição baiana, no entanto. Sempre corta as fitas antes de elas caírem por si mesmas quebrando, assim, uma das regras da tradição. A atual tem três ou quatro anos em seu braço. Segue firme.

“Acho que o mais importante, inclusive vejo isso na filosofia brasileira, é que você tente viver no momento presente ao invés de viver no passado e no futuro. Acho que o brasileiro é o mestre nessa arte de viver exatamente neste momento. É uma chave para uma vida mais feliz. Essa é uma das coisas que o alemão pode aprender com o povo daqui.”

Aparentemente bastante sociável, seus amigos mais íntimos são alemães, suíços e franceses, além de brasileiros. Apesar das idas e vindas de estrangeiros por aqui, parte de seus melhores amigos gringos vive na Bahia, há muitos anos. Com alguns brasileiros que conheceu em sua primeira jornada no Brasil, em 2002, ele segue mantendo contato. “As amizades brasileiras são duradouras. Em minha opinião, a amizade aqui no Brasil é muito mais valorizada que na Europa. Lá, as pessoas não falam muito disso.” Já sobre brasileiras, ele conta que já se relacionou com garotas de vários estados, mas uma história duradoura ainda não aconteceu. Apesar disso, ele pensa em se casar, um dia. “Este pode ser um próximo passo, quem sabe.”

Ao falar do Carnaval de Salvador, Nicolas se empolga. Considera o *axé music* um ótimo ritmo para dançar. Acha a folia da capital baiana a melhor do Brasil. Ele, que já saiu em blocos, camarotes, pipoca e até na tribuna da imprensa, cita Chiclete com Banana, Timbalada e Ivete Sangalo como grandes nomes artísticos da festa. Apenas lamenta por não serem mais conhecidos na Europa. Mesmo a par das festanças de outros lugares do país, é a daqui pela qual ele é apaixonado. “Não gostei muito dos Carnavais de Recife e Olinda. Achei aquilo tudo muito repetitivo, mas em Manaus foi bom, gostei muito. Em Salvador, já pulei até nove dias seguidos!”

Voltar a morar na Alemanha não está mais nos planos de Nicolas. Sua rotina no Brasil o deixa bem satisfeito. Como a produção dos guias, seu trabalho principal, ocorre periodicamente, há períodos em que ele desenvolve outras atividades para seguir ganhando dinheiro. Há alguns anos, passou a oferecer passeios em Salvador para turistas que falam alemão. Geralmente, para casais ou grupos pequenos. O serviço é particular, mas, a editora dá uma ajuda na publicidade inserindo nos guias mais recentes a informação de que os leitores podem explorar a cidade de Salvador na companhia do próprio autor do livro. Ele também gerencia o site da editora. Quando há oportunidade, passa dois ou três meses trabalhando *in loco* na sede da companhia, na Alemanha, quando fatura o suficiente para viver o resto do ano tranquilamente no Brasil. Com pagamento por hora, ele garante que varar noites no escritório, vale a pena.

A visita a seus parentes é realizada anualmente por algumas cidades na Alemanha, sobretudo Hamburgo, onde vivem seus pais e dois irmãos. São quatro filhos no total, um deles mora em Hong Kong. Como Nicolas, eles também gostam bastante de aventuras. Uma irmã já viveu sete anos em Londres; outra em Nova York e Paris; e o irmão sempre está de roteiro marcado para curtir férias com a família. “Sim, somos uma família que gosta de viajar, mas acho que eu sou o mais radical”. Apesar disso, seus pais só visitaram-no uma vez, em 2011, quando excursionaram por Salvador, Rio de Janeiro, Parati, Cataratas do Iguazu, Chapada Diamantina e Praia do Forte, durante três semanas. Uma irmã passou a lua de mel entre Jericoacoara e os Lençóis Maranhenses com roteiro minucioso feito por Nicolas.

Ele garante que não sente saudade da Alemanha e quando lá está não vê a hora de retornar ao Brasil. Apesar disso, é nostálgico ao lembrar dos pães alemães, que considera os melhores do mundo, e da variedade de queijos da Europa. Vegetariano, não sente falta dos pratos de carne. “Gosto muito da comida brasileira. É perfeita.” Se pudesse, comeria todas as noites acarajé com pimenta. Uma moqueca, de vez em quando, também faz parte de seu cardápio de predileções.

Foi difícil para Nicolas falar sobre o que de germânico guarda em seus hábitos e personalidade. “Acho que sou mais brasileiro mesmo. Sinto uma conexão mais forte com a cultura daqui. Alguns amigos falam que, em alguma vida passada, eu devo ter nascido no Brasil. (...) Não que eu não goste da Alemanha, é um país bom, com segurança. Mas eu me sinto melhor aqui.” Sua empatia com o país não permite, entretanto, que ele deixe de enxergar as mazelas que nos agridem diariamente. A máquina pública e toda a falta de respeito com a qual a manutenção do dinheiro se dá é alvo de sua primordial queixa. “Acho que se a nação quer crescer e ter uma sociedade mais justa, a solução deve passar por aí.”

“Conheço muitos estrangeiros que vivem no Brasil e reclamam de tudo. Se você vai morar em um lugar, você vai ter que se adaptar e não o contrário. E se você não gostar, vai procurar outro lugar para viver. É assim que penso. Por isso vou me adaptando.” Sobre a Bahia, ele crê que sua conexão é especial. “É uma ligação espiritual, não sei, mas me sinto bem aqui desde o primeiro dia. Viajo cada vez menos porque percebi que não me sinto tão à vontade, tão em casa, em outros países.” Com visto atual de três anos como jornalista no Brasil – o qual ele já faz planos para renovar –, afirma: “Encontrei o meu lugar, agora não preciso mais procurar.”

## Quilômetros de tranquilidade

*Perfil de Annemiek*

Entre a adrenalina de produções de programas de televisão, em diferentes cantos do mundo, e o aconchego do lar, em um pequeno vilarejo. Entre o mundo dos negócios e a paz de casa, em uma praia quase deserta. Localizado no litoral norte da costa baiana, no município de Mata de São João, Diogo foi o pedaço de chão escolhido por Annemiek Van Es, de 44 anos, para formar sua família. Em meio a suas viagens pelo globo, seu marido Roberto, de 40 anos, e seu filho Manuel, de três, esperam por cada retorno seu. É que mesmo sendo apaixonada pelos quilômetros de tranquilidade no paraíso onde vive, a holandesa, formada em antropologia e comunicação, não consegue permanecer na calmaria da praia por um ano inteiro. “Preciso de uma agitação. Viver aqui é lindo, mas só aqui não dá. Ficaria louca.”

Inquieta, sua carreira bem sucedida não foi o suficiente para fazê-la acomodar-se frente às boas condições de trabalho. A previsibilidade de seus futuros passos profissionais a incomodavam. “Aos 30 anos, já podia me ver com 40, 50, 60.” Foi longe de casa, então, que viu suas perspectivas de vida mudarem completamente.

Natural de Zuilichem – zona rural de uma cidade chamada Brakel –, Annemiek é uma loura, alta, de pele aparentemente sensível. Seus cabelos não são longos, vão até os ombros e as madeixas exibem tons variados de dourado a uma clara coloração. Ela foi criada até os oito anos de idade em uma antiga fazenda reformada pelos pais. Enquanto sua mãe nasceu em outra região da Holanda, no norte, com tradições bem peculiares e um idioma próprio, seu pai deu o primeiro choro de vida na Indonésia, embora também tenha sido criado nos Países Baixos. As lembranças sobre o local em que viviam são ilustradas por uma área recheada de árvores, animais (como porcos e cavalos) e pequenas casas. Em vastos campos e até em currais, ela brincava com amigos. Ateístas, seus pais não quiseram que ela estudasse em uma escola cristã. Então, construíram uma com apenas quatro crianças por sala.

No decorrer da descrição que faz de sua própria infância, a holandesa percebe algumas semelhanças da história que está construindo com a vida de sua mãe. Em uma área de três mil metros quadrados, a natureza era seu playground e parque de diversões, ao mesmo tempo. Atualmente, o terreno onde vive tem o mesmo tamanho e seu filho faz

dele seu paraíso particular. Sua mãe tinha um velho fusca e Annemiek, hoje, possui um bugre (embora aparentemente não tão velho). “As lembranças dessa época são ótimas”, conta, entre um cigarro e outro. Assim como foi, quando criança, deseja que o filho não tenha medo de bichos, que suba em árvores e que cresça em liberdade. “Que ele descubra as coisas por si mesmo. Não quero que ele fique preso dentro de um apartamento como acontece tanto hoje em dia.”

Entre os hábitos holandeses que gostaria que Manuel tivesse, ela destaca: que ele se sente à mesa para comer, que não passe o dia inteiro vendo televisão e que consuma alimentos saudáveis. Os desejos podem parecer comuns, mas para ela, aqui, as crianças nem sempre se comportam assim. E sobre as características de “cor laranja” que considera ainda guardar, estão: a confiança que tem nas pessoas e a constante economia de dinheiro – não sendo consumista com o desnecessário e guardando para o futuro –, costume, segundo ela, iniciado no país após a Segunda Guerra Mundial.

### **Novas jornadas**

Annemiek e Roberto se conheceram em sua terceira visita ao país. A primeira delas, em 2000, durou um mês, e foi motivada por um casamento de um amigo holandês com uma brasileira, em Alto Paraíso de Goiás – cidade localizada no Nordeste do Estado, a 230 km de Brasília. Encantada com os nativos, Annemiek já pensava em voltar antes mesmo de deixar o Brasil. Nas três semanas em que esteve aqui, conheceu, ao lado de amigas holandesas, algumas regiões de São Paulo e do Rio de Janeiro, como Ilha Grande e Ilha Bela – onde conhecidos tinham um restaurante. Na segunda vez, por quase três meses, ela foi sozinha ao Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ouro Preto, Itacaré e Salvador.

De gerente de marketing a artesã. Esse foi um dos impactos em sua vida durante a segunda jornada no Brasil. A loura se encantou com a beleza das pedras preciosas que conheceu em Salvador. Enquanto na Avenida Carlos Gomes, ela adquiria minérios, búzios, conchas e outros apetrechos, em Feira de Santana, comprava cordas. “Era tudo muito mais barato que na Holanda,” comenta. Seduzida pela possibilidade de produzir acessórios decorativos, criou peças originais que, em exposição em Amsterdã, cidade onde vivia, a levaram a mudar de rumo. Dezenas delas foram colocadas à venda por incentivo de amigos que se encantaram com as joias e que caracterizavam o trabalho como uma arte de estilo africano. Eram brincos, colares, pingentes, braceletes, cintos e

até roupas, além de peças maiores exclusivas para exibição. Resultado: todas foram vendidas e pedidos de encomendas apareceram. Após o sucesso da empreitada, Anne, como é chamada pelos amigos conterrâneos, acreditou que pudesse seguir um estilo de vida diferente. Destemida, pediu demissão na companhia em que trabalhava para dar uma chance ao que a vida acabara de lhe apresentar como alternativa contra o tédio.

No início, ela conseguia se manter com o lucro exclusivo das joias. Chegou a dar entrevistas a veículos de comunicação do país sobre o novo trabalho. Mas, após dois anos, devido ao alto custo de vida na Holanda, precisou voltar a trabalhar em bares e festivais para complementar sua renda, como havia feito na juventude. Aos 34 anos, Annemiek preferiu dar um passo para trás no que se refere à carreira profissional a fim de não voltar à sua rotina de vida em escritório. “Não queria mais isso para mim, era muito desgastante.”

Após cerca de dois anos, entretanto, perder noites frequentemente já lhe deixava bem mais fatigada que outrora. Surgiram oportunidades para enveredar por uma área até então pouco conhecida por ela. Certo dia, Anne recebeu o telefonema de uma amiga pedindo que ela fosse substituir uma produtora de televisão na gravação de um programa na Amazônia para o WWF (sigla para *World Wide Fund for Nature*), organização não governamental internacional ligada a questões ambientais. Sem pensar duas vezes, no dia seguinte, embarcou. Ficou um mês trabalhando e voltou já fazendo contatos para se tornar uma *freelancer* na área. Ela adorou a experiência. De lá para cá, roda o mundo produzindo *reality shows*, especiais de TV e documentários sobre os mais variados temas. Entre as produções das quais já participou está uma versão europeia do *Temptation Island*, programa americano que tem até versão brasileira produzida pelo SBT, traduzida como Ilha da Tentação.

Atualmente, recebe diversos convites para trabalhos na área. Porém, diz mais “não” que “sim”. É que muitos exigem que ela atue em escritório, na Europa, por até três meses, e isso está fora do *script* de sua vida. Apenas aceita trabalhar em dois projetos por ano para poder passar mais tempo com a família, em Diogo. No primeiro semestre de 2014, a produção de um *reality show* lhe tomará seis semanas de viagens por alguns continentes. Anne não revelou os países em que o programa será gravado. Afirma ser uma questão de respeito à política de informações da empresa que a contratou. O show de aventuras se chama *Peking Express* e se baseia em seguir viajantes que precisam percorrer uma determinada rota entre nações diferentes, apenas de carona. “Eu adoro. Adoro viajar. Mas também, aqui, vivemos com *low budget* (baixo

orçamento) e o dinheiro desses trabalhos ajuda.”

Neste momento da entrevista, hóspedes e amigos se banhavam no trecho do rio de águas transparentes, embora amarronzadas, logo na frente da pousada. Manuel se aproxima da mãe. Eles começam a conversar. Anne fala apenas em holandês e com certa rapidez. Manuel parece entender, já que responde, em português, que quer voltar ao rio. Nós seguimos o papo sob uma sombra oferecida por uma frondosa árvore e sobre um velho banco de madeira. Uma menina nos interrompe para perguntar se o pequeno poderia ir com ela para outra parte do rio, para continuar a brincar. Ela concorda, prontamente: “Tudo bem, ele está de colete”.

### **Paixão verde e amarela**

“Eu morei na França, nos Estados Unidos, na Grécia, em Costa Rica, e nunca encontrei uma ligação com as pessoas desses lugares como encontrei aqui. Humor, sensibilidade, cabeça aberta. Não sei, mas foi principalmente por essa ligação que quis voltar ao Brasil para conhecer mais. Lembro muito bem que uma vez eu estava em Barra Grande e, de cima de uma duna, vendo aquela paisagem e aquelas águas, comecei a chorar e tive a certeza de que eu deveria começar a fazer algo aqui”, relembra.

De volta à Holanda após a sua segunda passagem pelo Brasil, começou a estudar português. As fluências em francês e espanhol lhe ajudaram na aprendizagem de seu mais novo idioma. Dois anos depois, ela retornou ao país. Desta vez, o foco era fazer aquisições de mais materiais para prosseguir desenvolvendo seu artesanato, pelo qual se autodenomina *designer*, paixão recém-descoberta. Mas, é claro que ela também seguiu adiante na exploração das belezas da terra. Estava sozinha. Suas amigas viviam ocupadas demais, se casando e tendo filhos, para pensar em viagens – comportamento oposto ao dela.

Annemiek estava para dar a grande virada de sua vida, mesmo sem saber. Com incentivo de um amigo francês, foi parar em Imbassaí – distrito pertencente ao município de Mata de São João. Em frente à casa onde ficou, havia um mulato que não parava de lhe fitar com os olhos. Durante as tardes de trabalho com as pedras, ele a rondava, amistoso. Era Roberto. Menos de uma semana depois, o papo começou a se desenrolar e não parou mais. Aliás, deu apenas uma curta pausa, porque, duas semanas mais tarde, Anne teve que deixar o país.

Na Europa, ligações internacionais nunca foram tão presentes na vida dela. Nem

na dele. Cinco, seis, sete horas no telefone davam sinais de que o relacionamento não era apenas de verão. Porém, enquanto ele estava em um momento de vida em que buscava se estabilizar com alguém, ela fugia de relacionamento – principalmente com brasileiro. O motivo? A tal má fama internacional do jeito mulherengo de ser. Apesar disso, ela cedeu. Vendeu vários pertences que tinha em sua casa em Amsterdã. Três meses depois, resolveu verificar pessoalmente a legitimidade desse sentimento que suspeitava ser amor. Pelo andar que a carruagem tomou, parece que era mesmo. O “casamento de papel” foi realizado em 2008, em Itacimirim – a cerca de 50 km do Aeroporto Deputado Luiz Eduardo Magalhães, em Salvador. Somente um ano depois, no entanto, eles puderam viver juntos definitivamente, já que ela não tinha visto de residência permanente no Brasil nem ele na Holanda. Nos primeiros anos de relacionamento, ela passava seis meses por ano na Bahia. Ele ficava apenas um trimestre lá. Os outros três meses eram vividos à distância.

Em 2010, Manuel Santana Carvalho nasceu, em Amsterdã. Brasileiro na pele, ele é mulato como o pai. Por tradição do país, e lamento de Anne, ele adotou apenas os sobrenomes do pai. Atualmente, o pequeno fala seu próprio dialeto. Ali, entre o holandês e o português.

“Pega uma fralda, Manuel.” E o menino atende prontamente o pedido do pai.

“*Grijp je luijer.*” A mãe faz a mesma solicitação e o garoto mais uma vez atende.

“Pegando a fralda dele quando pedimos, seja em português ou em holandês, já tá bom. O resto ele vai entendendo com o tempo”, brinca Anne. Apesar de falar mais em língua portuguesa, o garoto entende muito bem o idioma holandês da mãe, segundo ela.

Com aversão ao frio, a holandesa tinha o sonho de viver em um local em que não precisasse de cobertor à noite em estação alguma do ano. Após conhecer mais de 60 países, o Brasil foi o primeiro que a fez voltar para ficar. Mais uma vez, ela faz questão de explicar: “Escolhi o Brasil porque gostei das pessoas, da energia e da maneira brasileira de viver”. E segue, empolgada, contando o quanto os brasileiros a impressionaram. “Há muito humor, muita energia entre eles. São abertos, carinhosos, expressivos, impulsivos, sabem viver, sabem rir, sabem relativizar. Coisas que não encontrei nos outros países onde morei.”

Sobre a adaptação, afirma ter sido fácil, por um lado, já que adora a terra. E o idioma foi uma barreira velozmente transposta. Apenas com pequenos erros em tensões verbais e gêneros, seu português, atualmente, é bom. Anne já falava o inglês fluentemente, assim como francês, alemão, espanhol e holandês. Por outro lado, lhe



incomoda sempre ser vista como estrangeira. Vivendo em uma vila tão pequena (com cerca de 800 pessoas) isso não deve ser lá muito fácil. Há, porém, outros gringos na área, embora poucos, *made in* Bélgica, Canadá, Argentina, Itália, França e Inglaterra. No final das contas, foram eles que se tornaram seus amigos mais próximos. Fazer amizades com brasileiros não parece ser difícil para ela, entretanto. Mas com as brasileiras que lhe rodeiam, sim, afinal, elas seguem um modo feminino de pensar diferente. “Tentei muito não entrar nessa (de conviver mais com outros estrangeiros), mas como eu fiquei em um vilarejo... As mulheres daqui têm outra vida”. A exceção é uma vizinha brasileira que se casou com um uruguaio e tem um filho da mesma idade de Manuel. Como consequência, as duas têm bastantes figurinhas para trocar. Com holandeses na Bahia, ela não tem contato algum. “Só conheço dois, que moram em Imbassaí, mas como não seriam amigos na Holanda, não são aqui.”

Sem fazer muitos planos para o futuro, Ana (como os brasileiros costumam chamá-la) afirma não saber se voltaria a morar nos Países Baixos. “Por enquanto, não. Mas nunca se sabe”. Pelo amor que sente pelo clima brasileiro – além de seus dois amores maiores –, parece que ela deve mesmo ficar por aqui. É onde a base para a criação do filho está perfeita, segundo ela. “Ar livre, liberdade, praia, muito sol. É isso.” Anne também leva Manuel à Holanda, sempre que é possível. Quer ver mais do país nele. “Manuel precisar ter mais contato com suas raízes.”

Por ela ser filha única, o pequeno não tem primos de primeiro grau na Europa, mas tem os filhos das amigas dela para brincar. Além disso, Annemiek quer que o Manuel fale cada vez melhor holandês e que possa conhecer o estilo de viver em sua pátria-mãe “também para que um dia escolha se quer continuar aqui, ou se quer ir morar lá”. Ela até demonstra ter vontade de ter mais um filho, apesar de estar em uma idade considerada de risco para engravidar. Com suas jornadas de alguns meses por ano fora do país, seu marido já vetou. É que, além de Manuel, também vive com o casal, Alan, de 15 anos, filho de um relacionamento anterior de Roberto. “Para ele, criar três crianças seria exaustivo. Entendo.”

### ***Bon vivant***

Enquanto o entrevistador aqui experimentava uma feijoada preparada por ela, ouvi a pergunta: “E o feijão, é holandês ou brasileiro?”.

Ao responder “brasileiro, sem dúvida”, ela solta um “obrigado” em tom de

orgulho. A cada ida à Holanda, ritualmente, quilos de feijão a acompanham. Carne do sertão, calabresa e azeite para moqueca, às vezes. Mas com as regras que limitam o embarque de alimentos em voos internacionais, nem sempre as guloseimas conseguem voar com ela. Quanto à gastronomia holandesa, Annemiek sente falta das “verduras da terra fria”, como ela mesma descreve. Além de pratos baianos, que contenham feijão e mariscadas, ela se sacia com as frutas e as verduras que chegam a um mercadinho de Diogo, toda quarta-feira. “Na quinta, já não tem mais nada”, lamenta.

A Salvador, o casal vai apenas uma ou duas vezes por mês a fim de pagar contas e resolver outras burocracias do mundo moderno. Mas as jornadas não duram mais que umas horas. Logo voltam para sua realidade semi campestre. A falta de suprimentos, tanto de alimentos como de produtos de casa e brinquedos para o garoto, entretanto, a fazem querer ir mais frequentemente à capital. As viagens são feitas em um bugre, o único veículo da família. Anne cai na risada ao descrever as fortes emoções dos passeios. “É sempre uma aventura. A gente nunca sabe se volta mesmo.” Chegando até os 120 km/h, a velocidade é mesmo percebida por ela pela intensidade do balanço de seus cabelos e pelo tamanho do sorriso no rosto, já que os ventos entram no carro por todos os lados. Sempre acompanhada pelo marido nessas idas e vindas, ela diz não ter coragem de dirigir o veículo sozinha.

As amigas, as condições mais fáceis de vida e a urbanidade são o que Anne mais sente falta de Amsterdã. Quinze minutos de conversa sobre o tema são suficientes para notar as constantes contradições em suas palavras no que tange ao deleite que sente em viver em uma minúscula vila, e o quanto sente falta de um centro urbano. A tranquilidade lhe faz bem, mas sua juventude vivida em locais agitados pelo mundo, não permite que ela esqueça o gozo pelo caos das cidades grandes. Também a lacuna de opções de cultura, em Diogo, a incomodam. Cinema, só em casa. Os shows mais próximos acontecem a 15 km dali, na Praia do Forte. Contudo, por já ter tido um período de *bon vivant* em sua vida, este tipo de entretenimento não é mais prioridade. Com a rotina agitada durante as anuais temporadas de meses viajando a trabalho, estar em um lugar tão calmo é um alívio.

Com cerca de 800 mil de habitantes, a capital holandesa “é grande, mas parece uma vila”, segundo ela. Como isso pode ser possível? Devido ao clima bucólico que o cenário arquitetônico proporciona mesclado com as tantas bicicletas que circulam por todo seu perímetro. As *bikes* são um dos transportes urbanos mais característicos da cidade. A natureza espalhada por todos os lados também ajuda a intensificar o ar

interiorano de Amsterdã. Apesar de ter sido uma constante usuária de bicicletas, Anne não sente falta delas em Diogo, porque o terreno da região é basicamente de dunas. A combinação de areia e ladeira não é adequada a pedaladas. “Esse era apenas meu modo de transporte. Não estava biciletando por prazer, mas para me deslocar,” observa ainda.

Por entre os mais de 165 canais e 1200 pontes que cortam a cidade, o colorido quase artístico de suas ruas, cuja arquitetura é datada do século XVI, é ignorado por muita gente que vai em busca de uma certa liberdade oferecida. Um prazer monocromático, em tons de verde. É que a capital é famosa pelo consumo descriminalizado (embora regulado) de drogas, como maconha e haxixe. Em tradicionais *coffeeshops* da cidade (calcula-se que existam pouco mais de 220 deles, segundo o jornal local *Volkskrant*), o uso de entorpecentes é o maior atrativo. Seduzidos por este perigoso entretenimento, muitos turistas “chegam ao país, saem das estações de trem, atravessam uma ou duas ruas, fazem uso das drogas e já saem sem memórias do que é a Holanda de verdade”, lamenta Anne. Em alguns casos, desmemoriados, literalmente. Dos sete milhões de turistas que visitam o local anualmente, é possível que meio milhão visitem estes estabelecimentos, de acordo com dados divulgados por autoridades de turismo da Holanda.

Com o objetivo de evitar o chamado “turismo da droga”, o Tribunal da Justiça da União Europeia tem tentado incentivar o fechamento dos *coffeeshops* a não residentes do país. Leis restritivas impediriam que houvesse tráfico para territórios, como Alemanha e Bélgica, com os quais a Holanda tem fronteiras. Tal limitação é vista com bons olhos por Annemiek, que credita à maconha o posto de ponta do iceberg do problema. Outros alucinógenos podem acabar sendo comercializadas, por conseguinte.

## **O prazer da viagem**

Annemiek começou a viajar com 15 anos de idade e nunca mais parou. Com a faculdade paga pelo governo holandês – que, longe de qualquer crise, bancava os estudos de parte da juventude local –, Anne fazia bicos em eventos e lojas para juntar recursos e fazer suas viagens. De férias, colocava o pé na estrada. “Sempre foi uma paixão.” Ela conta que chegava a pensar em como poderia ter filho. Uma família convencional não se encaixaria em seu ritmo de vida. Tampouco gostaria de parar de percorrer o mundo. Quis o destino que ela realmente não parasse e, generoso, lhe apresentou a Roberto, que não se incomoda - inclusive, até a incentiva a seguir com

seus projetos fora do Brasil.

“Encontrei um pai ótimo. Sozinha não ia dar. Nem se eu tivesse alguém que quisesse que eu ficasse em casa tomando conta de filho. Quando nos conhecemos, falei logo como era a minha vida”, diz Anne, em gargalhadas.

Hoje, a holandesa considera sua vida um livro a ser escrito. Caso o vilarejo de Diogo entre no mapa de turístico comercial e se encha de turistas, ou mesmo de habitantes: *fugere urbem!* A fuga do caos pode acontecer novamente. “Mas podemos mudar a vida totalmente. Tenho vontade de voltar também para continuar a trabalhar como *designer*. No entanto, o Manuel precisaria crescer mais. (...) Talvez pudesse montar uma empresa, mas daria muito trabalho.” Ela finaliza o assunto com uma frase óbvia, para muitos, mas não para a Annemiek de anos atrás: “Não vejo como o futuro vai ser.” O pensamento lhe arranca um sorriso. Apesar da reflexão, de uma coisa ela está certa: “Espero que dê para viajar”.

## **Roana**

A ideia de construir uma pousada surgiu naturalmente. Como o imóvel em que moravam em Imbassaí estava cheio de parentes de Roberto, o casal decidiu morar de aluguel em Diogo. Um ano e meio depois, compraram o terreno, construíram a casa, e com frequentes visitas de amigos e familiares, eles decidiram construir uns chalés já que a área era grande o suficiente para isso. “Passo a passo, cresceu para uma pousada”. Em 2010, o empreendimento, oficialmente, surgiu.

Foi Roberto quem circulou pela área da pousada comigo e, orgulhoso, contou como foi a construção do espaço batizado de Pousada Roana, em uma óbvia junção dos nomes de seus proprietários. Com a opção de preservar a atmosfera rústica da região, muita madeira foi conservada e aproveitada. Ao invés de luxuoso, um ambiente simples e confortável foi estruturado. Harmonioso com o cenário ao redor, o lugar é banhado pelo Rio Imbassaí que deságua por perto. Cadeiras e mesa produzidas com pneus velhos dividem espaço com rede, balanço em árvore, outros móveis de madeira, decoração feita de cordas de palha e até um trecho de chão preenchido com conchas do mar. Tudo artesanal. Em estilo bangalô, cinco quartos compõem o terreno que é cheio de árvores, como cajueiros, aroeiras, mangabeiras e coqueiros. “Até algodão tem aqui”, afirma Anne apontando para uma árvore. Do alto do colo da mãe, que o segura com seus braços finos e longos, Manuel demonstra seu conhecimento. “Isso não é de algodão”,

diz. Apesar de pequenino, parece saber o que está falando. Ela logo se corrige.

O sol não estava dando trégua naqueles dias. A escassez de nuvens castigava ainda mais a pele de quem se atrevia a se expor. Atrevida, Annemiek estava bem avermelhada quando me recebeu, em sua casa, ao lado da família, para a nossa primeira entrevista. Na verdade, boa parte do papo se deu na entrada da sede do terreno à beira de uma mesa de madeira de uns 15 cm de espessura, que, disforme, dialogava com o ambiente rodeado por verde. A natureza buscava espaço onde quer que pudesse se inserir. Os donos da casa respeitavam as plantas. As árvores se espalhavam. É o refúgio da holandesa. O ninho que construiu para ser seu lar.

As diárias no local variam de 150 a 180 reais, a depender da temporada. Serviço, limpeza, farto café da manhã, hospitalidade e privacidade são os destaques da pousada, de acordo com Anne. No negócio, ela e Roberto “dividem” as tarefas no esquema “todo mundo faz tudo”.

Distante 68 km de Salvador, o caminho para Diogo é bem aprazível. As paisagens ao longo da Rodovia BA-099, popularmente chamada de Estrada do Coco (ou Linha Verde), já dão uma ideia do que está por vir. No vasto paraíso, longas caminhadas entre o mar e os coqueirais são uma das principais atividades de quem escolhe a região para passar alguns dias de descanso. São quilômetros de tranquilidade em uma praia quase deserta. Homenageado pela vila que carrega seu nome, Diogo Álvares Correia, o Caramuru, conhecido como o primeiro português a se estabelecer na Bahia, deve estar feliz em ter sido associado ao tão paradisíaco lugar.

Ao final de uma tarde de bate-papo, o casal e o filho me guiaram pela região até à praia, para que eu pudesse entender um pouco sobre as razões que os motivaram a fincar suas vidas ali, sobre aquelas areias brancas. Claro, entendi. Acredito que Caramuru também entenderia.

## Vida em crioulo

### *Perfil de Umaro*

“Todos os filhos da nossa terra têm como obrigação voltar e contribuir para o desenvolvimento da nossa pátria. Só com a colaboração de cada um a nossa nação pode sair do buraco escuro em que se encontra.” Fruto de uma geração pós-independência que luta para estabilizar a cena política de seu país, Umaro Embaló, de 30 anos, tem consciência (e autoconfiança) de que sua ajuda pode ser importante para a construção de uma nova Guiné-Bissau. Afinal, o país ainda está envolto em incertezas. Com os sonhos nas alturas, ele deu o passo mais largo de sua vida ao vir estudar em Salvador.

De fala firme e sorriso fácil, Umaro até parece ser um rapaz sério e fechado nos minutos iniciais de conversa. O barulho dos transeuntes da Praça da Sé, no Centro Histórico da capital baiana, entoadado em sua maioria por turistas, atrapalharia a gravação. Acomodados, então, no interior do bar que ele mesmo escolheu, começamos a entrevista. "Você precisa que eu me apresente e fale de onde sou?". Não precisava. Sem formalidades, iniciamos o papo sobre o que ele conhecia do Brasil, antes de aterrissar aqui. O acanhamento inicial deu lugar a uma fala simpática.

Para beber, pedimos refrigerante. Ele recusa cerveja. "Não bebo. Nem sei o gosto que álcool tem". E garante que a escolha é pessoal, nada ligada a sua religião, embora o islamismo seja inflexível quanto ao consumo do álcool, proibindo-o em qualquer quantidade.

Negro, com cabelos curtos, rosto barbeado, de aparência saudável, de porte muscular mediano e com roupas comuns a qualquer jovem soteropolitano de sua idade. Seria difícil alguém supor que ele não é brasileiro. Seu português oral não tem erros comumente cometidos por estrangeiros. É gramaticalmente (quase) perfeito. Mas não apenas as palavras soam diferentes com seu sotaque. A organização das frases também. Umaro nunca havia praticado o idioma tão intensamente como tem feito no Brasil. Apesar de ser a língua oficial do seu país, o português não é falado cotidianamente pela população. “A dominação por Portugal fez com que todos odiassem a língua”. As escolas tratam de ensiná-lo, mas o idioma não costuma sair às ruas guineenses. A resistência deve-se também ao fato de haver outras línguas mais antigas na sociedade. No país, há 38 grupos étnicos diferentes. Cada um possui seu próprio idioma. Da junção

de matrizes africanas com a língua do colonizador europeu, surgiu o crioulo da Guiné-Bissau, o idioma mais falado da nação. Umaro fala mandinga, jakanca, saraculé e fula – este último é originado de seu grupo étnico –, além de crioulo e português. “Sinceramente, não sei dizer qual é a minha língua materna. Essas todas são.”

Jorge Amado, Lima Barreto, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Solano Trindade, José Lins do Rêgo. Foram muitos os mergulhos de Umaro na cultura brasileira por meio de autores locais. “Há muito tempo, ouço falar do Brasil. Estudávamos na escola os países que falam língua portuguesa.” E foi a partir desta ponte linguística que o jovem chegou até a Bahia. A literatura sempre foi uma paixão. Aqui, ele finalmente, pôde se aprofundar nela do jeito que sonhava.

“Não sei se você sabe, mas a Guiné é um país muito pobre, pobre demais.” Sem muitas oportunidades para a formação educacional da juventude, a nação trata pior ainda os que têm baixas condições financeiras – a sua imensa maioria. Natural de Gabú – a quase 270 km de distância da capital Bissau –, Umaro estudava na Universidade Almícar Cabral, uma instituição pública. Inaugurada em 2003, levava o nome do herói da independência do país. Gerida pela entidade portuguesa Grupo Lusófona, atualmente, é chamada de Universidade Lusófona de Guiné. Sua escolha pelo curso de sociologia se deu por não haver nada mais ligado à literatura. Os livros são seus grandes companheiros. “Sempre gostei de ler,” reitera.

## **Letras baianas**

A aceitação de estudantes guineenses por universidades brasileiras, segundo ele, foi iniciada logo após a independência frente a Portugal, em 1974. Apesar disso, era muito difícil conseguir uma vaga. Os parâmetros para a escolha dos estudantes costumavam ser subjetivos. Segundo ele, a embaixada brasileira pressionou o Ministério da Educação de Guiné para que a seleção fosse democrática. Com as sucessões de governos e a evolução da discussão sobre o tema no país africano, um novo panorama se instalou e, hoje, famílias de baixa renda, sem influência política ou social, também conseguem enviar seus filhos ao Brasil para conseguir o tão sonhado diploma.

Umaro faz questão de explicar os procedimentos atuais para a aquisição da vaga. Primeiro, inscrição na embaixada do Brasil. Atestado médico, certificados e outros tantos documentos são apresentados. Após triagem, um exame abordando

conhecimentos escolares é aplicado. Os nomes dos aprovados são enviados ao Ministério da Educação do Brasil (MEC) para que o órgão seja responsável por alocar os estudantes em instituições federais ou estaduais de ensino superior. Os concorrentes podem indicar dois estados em que queiram estudar. O guineense escolheu como primeira opção a Bahia após descobrir, por meio de pesquisas, a tradição negra de sua população. “Sempre ouvi que no Brasil havia muito preconceito. Muita gente que veio estudar aqui voltou falando isso.” Por pensar que na Bahia o racismo existisse em baixos níveis, deu predileção ao Estado. Sua segunda preferência foi Minas Gerais porque um colega de infância estudou lá e gostou. Ter conseguido a vaga para estudar no curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade Estadual da Bahia (Uneb), foi uma vitória, ele acredita.

Por meio do convênio, o governo brasileiro garante apenas o ingresso à universidade. “Já é muito”, considera. Todos os custos que envolvem a viagem ao Brasil, moradia e estudos são de inteira responsabilidade do estudante. O governo de Guiné ajuda alguns dos alunos com bolsas para cobrir despesas. Os selecionados para receber tal auxílio têm que voltar ao país para atuar e recompensar o investimento. “Nós, que estudamos por conta própria, somos independentes. Voltaremos na hora que quisermos. A diferença é essa.” Umaro tem total ajuda financeira da família.

### **Perrengue em crioulo**

A nação vizinha à sua, Senegal, havia sido a única terra estrangeira em que Umaro havia pisado. Uma vez, apenas. E ele nunca havia viajado de avião até seu embarque para a jornada no Brasil. Por estes motivos, se sentia totalmente despreparado para o que estava por vir. “Foi difícil. Muito triste deixar a minha terra com tão poucas experiências de vida. Senti isso na viagem. Passei muitas coisas difíceis devido à inexperiência.”

Os perrengues começaram cedo. Seu longo itinerário seria Gabú, Bissau, Dakar (capital do Senegal), Praia (capital de Cabo Verde), São Paulo e, então, Salvador. Entretanto, no aeroporto paulista, ele simplesmente não conseguiu achar o portão para fazer a conexão para a Bahia. Ao pedir ajuda a uma funcionária de uma companhia aérea, foi informado de que seu voo havia sido cancelado – isso, depois dela finalmente compreender o que ele solicitava. “Ela tinha um sotaque carregado. Não entendia o que



eu falava.” Deduzo que não somente ele, mas ela também deve ter tido dificuldades de compreensão.

Era começo de madrugada e Umaro não sabia mais a quem recorrer. Também não estava preparado para enfrentar frio no Brasil e, naquele momento, a temperatura girava em torno dos 10° C. Por acaso do destino, outro guineense o viu e perguntou de onde ele era. Naquele momento, teve a primeira ajuda eficaz no país – ironicamente, de um compatriota. O perrengue foi resolvido em crioulo. O jovem foi para a casa do conterrâneo permanecendo por uma semana.

Chamou-lhe atenção o imenso número de pessoas em São Paulo. Nunca tinha visto uma cidade tão grande antes. Com população de quase 1,5 milhão, Guiné Bissau tem uma área pouco menor que a do Espírito Santo. “Eu, que nasci e cresci em um ambiente de pouca gente, fiquei impressionado.” Por medo de entrar em apuros novamente, preferiu não explorar a cidade, mas aguardar até voar, finalmente, para Salvador. Diante de seus receios sobre o mundo lá fora, estava seguro ali. Para que arriscar? “Sentia saudade grande de todo mundo. Meu coração estava partido por deixar a minha terra que eu amo demais. Mas estava com expectativas positivas, porque estava indo à procura de conhecimentos, não de simples aventura.”

### **Vida soteropolitana**

Um conterrâneo e novo companheiro de moradia foi apanhar Umaro no aeroporto. O apartamento em que foi morar, no bairro da Saúde, era dividido com mais outro guineense. A solidão de não conhecer mais ninguém na cidade, contudo, lhe fez bastante mal e o deixou “virado pra lá” – expressão que, por vezes, usa para dizer que estava com saudade. Seus primeiros dias foram bem difíceis. Não se adaptou facilmente à cultura local. Para ele, no edifício em que morava, as pessoas eram muito individualistas. Os vizinhos não se cumprimentavam. Ele notava uma falta de interesse de se conhecerem.

Foi bem lentamente que a cidade passou a lhe provocar empatia. Nas ruas, as pessoas eram bem diferentes. Bastante acolhedoras, facilmente lhe davam informações sobre direções, por exemplo. A grande quantidade de negros da cidade o surpreendia positivamente. Mas imaginou que viria mais africanos estudando em universidades da capital. “Não chegam a 40”, conta sobre a realidade que percebe. Enquanto isso, afirma (exageradamente) que existem dois ou três mil guineenses em Fortaleza devido à

presença de uma Universidade Lusófona. Informações da Associação dos Estudantes de Guiné-Bissau do Ceará dão conta, todavia, de 742 guineenses no Estado, no último ano. Todos estudantes. Aguardando às aulas da faculdade começarem, permaneceu em casa, saindo pouco, por dois meses. Partidas de futebol e a boate Sankofa African Bar, no Pelourinho, passaram, pouco a pouco, a ser algumas de suas opções de entretenimento.

Na turma da Uneb, era o único estrangeiro, entre 33 alunos. A dificuldade das classes e o diferente sistema de ensino foram obstáculos difíceis de serem superados. Umaro chegou a pensar em desistir lá pelo quarto semestre. “O português era muito diferente. Na escrita, apenas algumas palavras, mas no falar tem muita diferença. Eu quase não entendia nada. Não entendia o sotaque e a forma de falar do brasileiro. A gente não fala da mesma forma que vocês.” Durante as aulas, não entendia as explicações dos professores mesmo sentando nas primeiras fileiras. Contando com a paciência dos colegas que lhe explicavam os assuntos e apontamentos, conseguiu seguir o curso e, de quebra, construiu fortes amizades. “Fui insistente. Se eu ficasse isolado sempre seria ainda mais difícil para mim. Mas eu tentei me aproximar deles, explicar os meus problemas.”

Lá para o quinto ou sexto semestre, Umaro conseguiu entrar no embalo do curso. “Minha dificuldade não era escrever ou interpretar, era entender o que o professor falava mesmo,” comenta. Atualmente, no último semestre, ele afirma que fonética e fonologia foram as matérias mais difíceis que enfrentou, até então, porque lhe exigiam uma drástica adaptação linguística. Transcrever os sons da língua portuguesa era um martírio, já que ele não seguia o padrão brasileiro de pronúncia do idioma. Seu sotaque lhe imprimia variações não impressas nas normas nacionais. “Isso foi difícil para mim. Tive que ler muito para entender. E falava com os professores que vim de outra forma de falar português, de outro sistema de ensino. Eles precisavam ter paciência comigo.”

Dificuldade ultrapassada, em junho de 2014 ele deve concluir a graduação. Seu trabalho de conclusão de curso versará sobre a língua crioulo no processo de construção de identidade da Guiné. Ele explica que este idioma africano tem muita similaridade léxica com o português. Ou seja, muitas palavras são igualmente pronunciadas e têm o mesmo sentido. A mistura dos povos e seus dizeres foram os responsáveis por isso.

Enquanto conversamos, duas guineenses passam por perto e acenam para Umaro. Uma está fazendo mestrado “em alguma coisa de feminismo” e a outra acabara de chegar à Bahia. Antes de serem interrompidos, ele comparava os sistemas de ensino do Brasil e de seu país e contava, em tom crítico, que no penúltimo semestre do curso na

Uneb apenas 16 seguiram matriculados. Por sua vez, em Guiné, para entrar no ensino superior, o estudante necessita cursar um ano “pré-universitário” de conhecimentos específicos sobre a área de interesse. Tal procedimento evita uma posterior desistência na universidade.

Os estudantes do convênio não estão autorizados legalmente a exercer trabalho remunerado, o que dificulta a manutenção de suas vidas em Salvador. Umaro contrapõe a cidade com a capital de Guiné e diz que com a quantidade de dinheiro que se compra uma calça jeans aqui, é possível comprar quatro ou cinco de mesma qualidade, lá.

“Acho Salvador muito cara. Sempre falo isso. O Brasil é um país muito industrializado. Não dá nem para comparar com a Guiné em termos de desenvolvimento social e político, mas lá as coisas são mais baratas. É difícil. Aqui, são muitas despesas. Não consigo entender como um país tão produtivo oferece comida tão cara. Roupa pode até ser cara, mas comida não.”

### **“Ninguém pode viver em um país que não tem paz”**

Já são quase quatro anos fora de seu país sem nunca ter retornado. A saudade do seu canto, em Guiné, e da convivência com os colegas é grande. “Por mais que o lugar onde você está seja bonito e bom, você sente falta de sua terra.” A rota de quatro mil quilômetros que lhe separa de casa, porém, está encurtando. No segundo semestre de 2014, ele deve regressar. Espera que não de vez, no entanto. Como estudante guineense, seu visto expira em, no máximo, cinco anos. Com planos de fazer mestrado, ele pensa em voltar a sua pátria para matar a saudade da família e renovar o visto. Serenamente, o sedutor sabor da Bahia parece lhe ter envolvido. “Gosto daqui. Ficaria mais. Mas não estou aqui a passeio de turismo. Estou aqui tentando construir o meu futuro.”

Umaro sonha alto. Pensa em atuar no Ministério da Educação de seu país. Mas só se a situação política estiver pacífica por lá. Uma das coisas que levaria para sua terra é a evolução da pedagogia aplicada no Brasil. Ele conta estar aprendendo bastante sobre educação durante sua estadia na Bahia e crê que há muito a ser mudado em seu país nesta questão. Acredita, por exemplo, que políticas precisam ser reformuladas considerando a evolução e a demanda da sociedade. “Temos que copiar o Brasil mesmo, porque, às vezes, utilizamos métodos para ensinar algumas pessoas que demandam mais tempo para aprender. Aqui, o ensino é mais didático, mais liberal.” Ao mesmo tempo em que o jovem defende a liberdade do aluno em sala de aula, ele a critica. É que a

considera excessiva da maneira como ela se dá na Bahia, gerando desrespeito do aluno com o professor.

O estudante lamenta a pequena variedade de cursos oferecidos em seu país para tantos jovens interessados em ingressar em uma universidade em Guiné e reitera a importância do Brasil no desenvolvimento da educação de lá. Tal ajuda começou ainda antes da independência da nação, lembra ele. De fato. A convite de um grupo de padres suíços, o educador e filósofo pernambucano Paulo Freire esteve em Guiné-Bissau nos anos 70. O brasileiro atuou em escolas como formador de professores militares para que estes pudessem dar aulas a crianças iniciando, assim, uma nova realidade educacional no país. Um corpo docente de mais de dois mil especialistas em educação foi formado por Freire em quatro anos, conta Umaro. A construção de um modelo de alfabetização de adultos gerou o livro *Cartas à Guiné-Bissau*, escrito por ele.

Embora pequeno, Guiné-Bissau é um país de muita história. Umaro menciona que a nação é respeitada na África por ter tido uma luta armada de 11 anos de duração para conquistar a almejada independência. O triunfo da nação foi o primeiro entre os lusófonos africanos. São eles: Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Este último, pertencia ao território de Guiné-Bissau, que se chamava Guiné Cabo Verde, mas conquistou a independência em 1975.

Ele explica que todos os países da África que ganham libertação de seus colonizadores por meio de luta armada enfrentam problemas posteriores para se organizarem internamente. Em 1998, uma guerra civil derrubou o presidente de Guiné. Por haver conflitos frequentes como este, ocasionando em sucessivos golpes de Estado, Umaro acredita que a pátria viva, hoje, em uma constante guerra fria. Ele lembra que a última queda presidencialista ocorreu recentemente, em 12 de abril de 2012.

Politizado, desata a falar do processo histórico de construção de sua pátria no cenário de liberdade. Descreve com paixão nos olhos a luta de seu povo para se estruturar autonomamente e, simultaneamente, critica com austeridade a incapacidade de parte deste mesmo povo em avançar pacificamente. Tenho dificuldade em desviar o assunto. A empolgação dele é progressiva. Apesar de suas largas respirações, sempre exhibe um olhar de quem está refletindo sobre a próxima frase a ser dita. E parecia ter mais a contar, sempre. O jovem estudante diz não entender atitudes violentas camufladas de intenção de paz. O coerente discurso é finalizado com uma analogia de um ídolo seu.

“A morte de Mandela é um ensinamento para o povo da África. Mandela é um homem de paz. Um homem como ele tem que aparecer de século para século. Imagine tudo o que ele sofreu em 27 anos na prisão. Quando saiu, todo o poder estava nas mãos dele. Ele poderia se vingar dos brancos, mas os perdoou. Se todo mundo tivesse esse espírito de perdão o mundo não estaria assim. Estaria mais amigável, mais harmonioso, inclusive o continente africano. (...) Nem tudo você reage com violência. Tem coisas que você sente para conversar. Se todos agissem como Mandela e tivessem o senso dele, ninguém estaria em guerra.”

O jovem acredita que a maioria de sua geração é tão preocupada quanto ele sobre estas questões. “Ninguém pode viver em um país que não tem paz. Pode ser pobre, mas tem que ter paz, você pode procurar desenvolver a sua atividade econômica e ganhar o seu dinheiro. Mas se uma pessoa não consegue nem dormir em paz na terra onde nasceu, é difícil,” reflete. Já sobre a violência no Brasil, ele considera ser muito maior que em seu país. Em Salvador, a seu ver, há muito mais assassinatos. “Lá, podem roubar celular, bolsa ou carro, mas essa coisa de atirar na cabeça de alguém pode acontecer, mas não é tão comum como aqui.”

Quando escolheu a Bahia, ele supôs que iria para um lugar sem preconceito racial, onde poderia se sentir em casa por estar cercado de afrodescendentes, “o que não está acontecendo”. O jovem pensou que o Estado fosse um espelho, uma referência para outros estados, mas acredita que a realidade baiana pode ser até pior que outras. “Aqui o negro faz preconceito contra negro,” justifica. Ele cita como retrato desta desvalorização os jogadores de futebol negros que, quando bem sucedidos, geralmente, se casam com loiras. “Não estou dizendo que um negro não pode se casar com uma pessoa de pele branca. É o amor. Você pode amar uma pessoa de qualquer cor, mas pelo que vejo isso não acontece por amor, é por opção mesmo. Para clarear a cor dos filhos, não sei.” A constante associação de negros com o mundo do crime e da droga também o incomoda bastante. Ele mesmo nota a demonstração de medo de pessoas ao passarem perto dele, na rua. Muitas desses sujeitos, a propósito, também são negros.

Certo dia, ao abrir a porta de sua casa, com sua chave, encontrou com uma senhora na entrada de seu apartamento. Ao invés de lhe cumprimentar, ela perguntou para onde ele estava indo. Ele respondeu que morava ali. Ela lhe deu as costas e continuou andando. Para Umaro, ficou clara a desconfiança. Cismado, minutos depois, foi procurá-la. “Por que você me perguntou se moro aqui? Eu não posso morar aqui? Não tenho capacidade para pagar o aluguel e o condomínio daqui? É isso que você está

querendo dizer? Por que sou negro?!” Ela quis se explicar, mas ele continuou: “Se fosse uma pessoa branca descendo do carro, você iria perguntar isso a ele? Nunca me pergunte isso de novo,” finalizou, indignado.

### **Semelhanças e tradições**

Seus principais amigos no Brasil são guineenses. Com os brasileiros não costuma se relacionar intimamente. O contato maior se dá no ambiente da faculdade. No bairro em que vive, há três anos, não tem grandes amizades. Neste momento do papo, uma conterrânea de Umaro se aproxima de nossa mesa e o abraça com afago. Os dois começam a conversar com bastante familiaridade. O diálogo foi completamente confuso para mim. A mistura de palavras claramente da língua portuguesa, como “cartão”, “ilha”, “dinheiro”, se misturavam com outras enigmáticas. Era crioulo. Naturalmente, é nessa língua que eles conversam entre si. Aproveitei para perguntar se estava se relacionando amorosamente com alguém e ele limitou-se a afirmar que nunca se envolveu seriamente com nenhuma garota em sua estadia no Brasil.

Fã da comida brasileira, ele gosta principalmente de acarajé (embora só do “bolinho”) e de quiabada. A base alimentar de seu país é parecida com a nossa: arroz, feijão e carne compõem o prato cotidiano. Apesar disso, Umaro ainda sente falta de guloseimas de sua terra, como o caldo de amendoim e a cafriela, que envolve “frango do campo”, como eles dizem. Sobre outras estreitas similaridades entre esta terra e a sua, ele destaca a forma de se vestir, especialmente das mulheres, e a arquitetura construída pelos portugueses. Há um edifício em sua cidade, por exemplo, que ele acredita ser exatamente igual ao Fórum Ruy Barbosa. E diz isso com veemência.

De raízes familiares da África mesmo, sua mãe não fala português, mas seu pai sim, já que trabalha alguns meses por ano em Portugal. Dois irmãos gêmeos, de 13 anos, e um irmão, de 18, estão aprendendo o idioma no ambiente escolar. “Meu português melhorou bastante. A língua é prática. Se você sabe escrever, mas não fala cotidianamente, vai esquecer” reflete.

A República Guiné-Bissau hoje é um Estado laico com predominância de mulçumanos, seguido de cristãos e adeptos de religiões africanas. Cultivando sua tradicional fé familiar, Umaro frequenta o Centro Cultural Islâmico da Bahia, em Nazaré. “Mantenho quase tudo. Rezo cinco vezes por dia e faço o ramadã, os pilares da

religião mulçumana.” Ele não foge de suas obrigações espirituais nem no mês do jejum, quando passa 30 dias sem se alimentar nem beber água, de 5h da manhã até o pôr do sol.

Com uma determinação semelhante a esta abstenção, Umaro tem superado a solidão, a saudade e as diferenças culturais para voar novamente, desta vez para um futuro promissor em seu país. Seguir no Brasil após os estudos é uma “mínima possibilidade”. Os guineenses carecem de ideias como as suas. “Nosso país é pobre. Se todo mundo estudar fora e não voltar mais, ele vai continuar pobre. Mas se voltarmos de mãos dadas podemos construir algo novo.” Ao findar da entrevista, com a seriedade (ou timidez) inicial, ele se despede ligeiramente com um aperto de mão e some de vista pelas ruas do Pelô. Imagino que tenha ido ao encontro de seus guineenses. É a saudade de sua vida em crioulo.

## Fazendo arte do Uruguai à Bahia

### *Perfil de Faustina*

“Nem santa, nem puta, mulher livre”. Com a frase do botão estampando a bolsa, Faustina Piñeyrua fazia compras de alimentos naturais em uma loja da Pituba, em Salvador, quando nos encontramos para a primeira entrevista que daria origem a este perfil. Após apenas alguns minutos de papo já se tornou fácil entender a razão pela qual ela exhibe a mensagem logo diante de si – ou ao lado. Críticas ferozes ao comportamento do homem em relação à mulher, à submissão feminina e à repressão sexual são tecidas por ela. Com o gênero musical dominante nas caixas de som dos bairros mais populares, dando mais lenha a essa fogueira, a Bahia é um alvo perfeito para suas elucubrações de “mulher livre”.

De short jeans curto, blusa folgada de alças finas (deixando claro que estava bronzeada de sol) e óculos escuros de armação vermelha estilo “viajante”, Faustina batia perna pela capital baiana, na tarde daquela segunda-feira, em uma passagem de apenas três dias pela cidade. É que a uruguaia está em uma temporada de trabalho no Camping Madreselva, de uma amiga argentina, no vilarejo de Diogo – a quase 70 km ao norte de Salvador –, seguindo pela costa. Aos 35 anos, a dona de longos cabelos pretos e ondulados é magra, branca, mas bem bronzeada, e possui silhuetas levemente definidas. Mora de aluguel no bairro da Boca do Rio, onde vive com uma amiga mineira e Valentin Moreno Piñeyrua, seu filho, de três anos. Aproveitando o verão para aumentar a renda, ela está passando parte da estação no local, ajudando amigos na gestão do espaço. A criança a acompanha.

### **De carona em carona**

Por muitos anos, seus verões tinham destino certo. Em férias da faculdade, ela e amigos frequentavam praias de Santa Catarina. Mas, em 2007, quando havia renunciado seu trabalho como professora de filosofia em uma escola pública de Montevideu – capital do Uruguai, a 50 km de Libertad, sua cidade natal –, Faustina decidiu expandir suas fronteiras no Brasil. Já de início a ideia era passar um tempo indefinido fora do



país, percorrendo diferentes cidades brasileiras. Com uma trupe de circo de dez pessoas, ela embarcou na jornada que transformaria sua vida.

Em Florianópolis, o grupo permaneceu por dois meses fazendo apresentações circenses de rua. Depois do Carnaval daquele ano, passaram um mês em São Paulo. Por meio de intercâmbios com organizações de circo, eles se hospedavam e, em troca, organizavam eventos e realizavam suas artes. “Também fazíamos muita sinaleira. São Paulo é bom para isso. As pessoas dão dinheiro”, conta ela, que credita isso ao fato da cidade já ter costume em lidar com arte nas ruas em seu cotidiano. Por lá, parte do cinza do concreto de becos, viadutos e avenidas costumeiramente dá vazão às cores produzidas por peripécias de artistas como eles. Além de ter uma rotina mais habituada com a arte, o baixo número de pedintes em sinais de trânsito da capital paulista, nas áreas em que eles atuavam, dava mais possibilidade para a atividade gerar renda. “Isso (a presença de mendicantes), às vezes, atrapalha um pouco o artista. Em Salvador mesmo é muito difícil. Você chega à sinaleira, tem quatro crianças pedindo, então, você não vai ficar tirando o posto deles, né? E na Bahia não há uma cultura de artista de rua.”

Da terra da garoa à cidade maravilhosa. A trupe chegou ao Rio de Janeiro e se instalou em uma escola de circo que realizava cursos de reciclagem voltados para profissionais da área que queiram aperfeiçoar suas técnicas. “Nesse tipo de escola é fácil entrar: é só se apresentar, mostrar o que você faz”, explica. Após três meses no calor carioca, a maior parte do grupo seguiu para a Bolívia. Apenas Faustina e um casal (ele, capoeirista; ela, dançarina de tango) preferiram conhecer o Nordeste brasileiro – mais precisamente a Bahia. “Escutava muita música baiana, como Caetano, Gilberto (Gil) e Raul Seixas. Tinha vontade de conhecer Salvador,” justifica. Em uma rodovia, pegaram uma carona de caminhão e seguiram em viagem por três dias – incluindo um dia inteiro sem sair do lugar, na estrada, por conta de uma manifestação, em Minas Gerais. No trajeto, o motorista parava para dormir em hotéis. Enquanto isso, os três se acomodavam no próprio veículo.

“Foi tranquilo. Uruguaio viaja muito de carona. Argentino também. Toda a América Latina. Acho que só brasileiro que não tem esse costume. É tranquilo mesmo. Você vai aos postos de gasolina, fala com os caminhoneiros: ‘ah, você tá indo para onde?’. Esse caminhoneiro que trouxe a gente para a Bahia era super gente boa. E se for para viajar para longe, tem que ir para estrada (para conseguir carona). Caminhoneiro que faz trajeto comprido não entra na cidade. Já estou acostumada”, descreve ela, que já

havia viajado assim pela Argentina, Chile e Peru, mas nunca sozinha, sempre acompanhada de amigos.

Era julho de 2007. Os três desceram em Feira de Santana – distante cerca de 100 km de Salvador. Em seguida, de ônibus, foram até Itapuã, na capital baiana. Ela não sabe explicar por que o transporte os deixou ali. Mas, já que lá estavam, foram diretamente para a praia tomar o primeiro banho de mar na cidade. Faustina lavou (também) a alma. O bairro era um velho conhecido dela, ao menos em seu imaginário. Por influência de versos de canções famosas, a região habitava sua idealização de Bahia.

Dali, pegaram outro ônibus. Na altura da Boca do Rio – outro bairro soteropolitano –, avistaram o circo Bolshoi, instalado nas proximidades do Aeroclube. O trio desceu e foi até a tenda perguntar se haveria alguma possibilidade de hospedagem no local, em troca de trabalho. Aproximaram-se e logo foram acolhidos. “Na época, já tinha muito tempo que o circo estava na cidade e já estava quase sem artista, mas fazia função ainda.” Com estrutura montada e pronta para ser usada, o espaço parecia perfeito para eles se abrigarem e treinarem.

Dos artistas do Bolshoi, ela se recorda mais de um bósnio que se apresentava com fitas, de uma russa que utilizava bambolês (“uma fera que usava 20 bambolês ao mesmo tempo”) e de uma acrobata, também russa, de uma vitalidade invejável no alto dos seus 80 anos. Treinada em uma academia de ginastas olímpicos em seu país, a senhora tinha como disciplina uma de suas mais notáveis virtudes, segundo Faustina. Os treinamentos pelos quais os uruguaios se submetiam sob sua coordenação eram quase militares. “Às 6h da manhã, a mulher fazia a gente levantar, correr na praia, fazer yoga, voltar para o circo e treinar pesado, em seguida.” Tanto esforço e persistência tinham uma razão para serem levados a sério. É que a russa mantinha um sonho de formar uma nova trupe e continuar viajando – ideia que a uruguaia considerava incrível para alguém com idade tão avançada. “Ela fazia tudo, até equilíbrio com uma mão só. Era fera. Aprendi muito com ela.”

### **Outros rumos na Bahia**

Apesar de a aprendizagem ter sido intensa, eles ficaram apenas um mês ali. O Bolshoi estava prestes a deixar a cidade. O casal, então, retornou ao Uruguai. Faustina ficou. Encantou-se por um baiano que vivia próximo ao circo. E também por Arembepe – distrito do município de Camaçari, a 30 km de Salvador – onde passou a morar, em

seguida. Na aldeia hippie da região, conheceu outros artistas circenses (vários argentinos e uruguaios, por sinal), que se apresentavam na Praia do Forte, localizado no município vizinho de Mata de São João. Juntou-se ao grupo nas apresentações. Um conterrâneo, dono de uma joalheira em PF, lhe ofereceu um trabalho. A uruguaia, então, passou a produzir colares, pulseiras e outras peças. “Aí fui ficando. Você vai conhecendo outras pessoas e vai arranjando tramos e tal”. Sua rotina de mudanças constantes (ou a falta dela) só estava começando.

Faustina faz questão de esclarecer que não permaneceu na Bahia devido ao namorado. “Foi e não foi. Eu não tava muito a fim de voltar para o Uruguai. A verdade era essa. Mas como eu conheci ele, que era alguém que eu gostava e que era de confiança, fiquei. Mas nunca morei com ele, nem fiquei só por ele. Fiquei porque estava a fim de ficar”. No entanto, contraditoriamente, em outro momento da entrevista ela se refere ao rapaz como “aquele que me fez ficar”.

Questionada se ao chegar à Bahia, ela e seus amigos tinham algum plano, roteiro ou contato, Faustina disse que nada foi planejado. Tinha apenas o telefone de uma ex-namorada de seu ex-namorado, que haviam morado em Salvador, anos atrás. “Sempre alguém oferecia casa para ficar e eu acabava ficando, nunca precisei ligar para ela.” Mesmo não a tendo procurado, a garota, que, por coincidência, pratica a modalidade circense de tecido acrobático como ela, acabou cruzando seu caminho, mais tarde. Tornaram-se amigas.

Três meses depois de viver no litoral norte baiano, Faustina partiu para a Chapada Diamantina com amigos que conheceu em Arembepe. Nas ruas do centro de Lençóis – um dos municípios mais conhecidos da região – eles se apresentavam. Um chapéu tratava de recolher o sustento do dia a dia do grupo. Passados dois meses, ela voltou a Salvador apenas para recolher seus pertences e ir para Itacaré, a convite de uma amiga também uruguaia. Trabalhando como garçomete em um restaurante, permaneceu por cinco meses. Também deu algumas aulas de técnicas de tecido em um centro cultural chamado Casa do Boneco. Aproveitando a cultura local, aprendeu a surfar e, até hoje, quando pode, vai para o mar “pegar umas ondas”.

Convocada para se envolver no Centro de Cultura em Desenvolvimento Ecologia, sediado no Parque Metropolitano de Pituaçu, em Salvador, Faustina voltou à capital. No parque, começou a dar aulas de trapézio e tecido. A segurança de um trabalho remunerado, com contrato por um ano e em sua área de interesse, a motivou a deixar Itacaré, um dos seus refúgios mais preciosos da Bahia. Lá, ela acabou atuando

por dois anos, auxiliando no desenvolvimento do Espaço Lúdico Raul Seixas com verbas do Ministério da Cultura. Oferecia Oficinas de acrobacias aéreas e dança para as crianças. Também colaborava na estruturação do Centro de Cultura, para torná-lo um espaço ideal para o desenvolvimento das atividades circenses, entre outras formas de arte. O ambiente se tornou uma possibilidade a mais para que jovens e profissionais de Salvador possam praticar suas habilidades artísticas e expor seus produtos culturais independentes. Com a proximidade do Circo Picolino, um vínculo entre membros das duas instituições foi criado. Até hoje, a ponte perdura, propiciando intercâmbios de conhecimento e prática.

No segundo ano de trabalho no Centro, em 2009, Faustina conheceu a Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). Começou a cursar Coreografia e Dança. Empolgada com a formação que estava tendo, nem uma grande surpresa em seu caminho a fez desistir. Em 2010, ficou grávida. O bebê nasceu no dia 5 de dezembro. Poucos dias antes, ela ainda estava em cena, se apresentando na sala principal do Teatro Castro Alves. “Estava com um barrigão de oito meses, meus colegas ficaram em pânico, mas eu me sentia super bem.” No semestre seguinte, ela já estava de volta frequentando as classes teóricas com o bebê no colo. No entanto, teve de cancelar um plano. Ela estava organizando sua ida ao Fórum Social Mundial, de 2011, em Senegal, porém, por proteção ao filho, preferiu deixar a ideia de lado. “Sou louca, mas nem tanto. Levar meu filho, nascido em dezembro, para a África, em janeiro, não dava. Sem vacina, então.”

## **Picadeiros**

Nessa época, a vontade de deixar a Bahia foi suavizada pela chegada de Valentin. Faustina ainda prossegue com o desejo de mudar de rumo, mas acha que a criança, aos três anos, ainda é muito nova para se separar do pai e dos demais familiares. Sua preocupação é ainda maior por ter sido criada sem o próprio pai. “Não faria isso com meu filho”. Com Davi, o pai do pequeno, ela faz questão de preservar os laços.

Desde que engravidou, em 2010, sua renda vem, sobretudo, das aulas de tango que começou a dar no curso de extensão de dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de classes particulares. De vez em quando, ministra oficinas e dá aulas de técnicas de tecido acrobático, mas evita, já que o cansaço não justifica todo o esforço. “Exige muito. É preciso toda uma estrutura para isso, inclusive de segurança, para que

ninguém caia e se machuque.” Mas ela ainda se apresenta com tecido, em eventos, quando oportunidades surgem. Para se manter em forma para os espetáculos, segue treinando toda semana, no Circo Picolino.

Nos últimos anos, a partir do contato com artistas circenses, Faustina aprendeu outras segmentações, como perna de pau, malabares de fogo, cuspir fogo e acrobacias de solo. E ela não quer ficar só nessas modalidades. Está na sua mira o trapézio volante – aquele que joga o artista de um trapézio para o outro causando burburinho na plateia.

Diante das experiências que já teve fora da Bahia, Faustina acredita que o circo não funciona muito bem aqui. Para ela, há muita gente dedicada ao picadeiro, mas o retorno disso frente à população não é tão positivo. Quando há espetáculos, o público que vai prestigiar é, geralmente, pequeno. No interior, a audiência parece ser um pouco maior. A concorrência com outras ofertas de entretenimento é muito alta na capital baiana, acredita ela. “Em Salvador tem muita coisa acontecendo. E muita coisa de graça. Então, as mesmas dificuldades que outros artistas se deparam, como os de teatro, os de circo também enfrentam”. Ela crê que a ajuda financeira do governo tem sido bem relevante na sustentabilidade dos projetos e instituições de circo. “O Picolino mesmo se sustenta só com verba”. Por meio de editais, montagens de espetáculos da instituição têm sido possíveis, mas elas acontecem com uma frequência baixa – embora já tenha sido ainda menor, segundo ela.

Criar o hábito na população de ter contato com o circo pode ajudar. “Levar espetáculos para rua gera o interesse.” Em Salvador, a companhia de palhaços Pé na Terra costuma fazer isso. A trupe, da qual Faustina já fez parte, incorpora outros artistas circenses e se apresenta, gratuitamente, no Parque de Pituacu, todo domingo, às 10h. Nas manhãs de quinta-feira, treinos livres para qualquer interessado no circo são organizados no local. Malabares, acrobacias, fogo, e muita palhaçada fazem parte da programação. “Essa iniciativa convoca muita gente não só para aprender, mas também para assistir ao circo. No Uruguai, eu fazia muito isso. Aqui ainda não é tão comum.”

Faustina não se recorda de seu primeiro contato com o picadeiro, mas sabe que o admira desde criança. Os trapezistas, em especial, faziam seus olhos brilharem. Sem nenhum familiar que tenha enveredado por essa área, ela se aprofundou na arte circense por puro prazer. “Há uns anos, virou moda fazer circo em Montevideu (onde morava, aos 24 anos).” Malabares, tecido e trapézio eram especialidades buscadas por muitos jovens na cidade. A oferta de aulas em uma academia perto de casa foi, enfim, sua porta de entrada nas lonas. Já são 11 anos de dedicação.

Ela conta que, em sua cidade, as tendas sempre eram temporariamente levantadas. Não havia circo fixo. Itinerantes, as trupes eram majoritariamente brasileiras, nenhuma uruguaia. “O Brasil tem uma forte tradição de circo. Há famílias circenses aqui. Lá não”. De fato, a história do circo no país tem cerca de duzentos anos. Foi no século XIX, que famílias europeias de artistas vieram e espalharam lonas por aqui. Com as adaptações culturais, o palhaço passou a falar, por exemplo. No Velho Mundo, ele se comunicava com a plateia basicamente por meio de gestos. Na região Nordeste, mais especificamente, o circo ganhou mais influências do teatro. Cada povo inseriu seus peculiares gostos e manifestações culturais.

“O circo é uma paixão. Sempre foi. Apesar disso, quando era adolescente, por mais que gostasse de picadeiro, eu tinha preconceito. A escola deforma muito a gente. A gente não consegue enxergar o que a gente quer. Tá tudo muito preso lá dentro. Com o tempo você vai tirando o que você quer para fora. Eu sempre quis ser circense, mas pensava: ‘circo não é trabalho’. Hoje em dia, eu tenho a maturidade para falar que quero trabalhar com circo. Eu queria ter tido essa maturidade aos 18 anos. Se tivesse, teria me dedicado mais (profissionalmente) à dança e ao circo. É o que gosto, o que me faz brilhar.”

E se Valentin quiser seguir carreira no circo? “Nossa! Seria a mãe mais orgulhosa do planeta Terra. Mas também não vou pressionar ele, senão estaria fazendo o mesmo que fizeram comigo.”

### **As contradições da filosofia**

Faustina tinha 17 anos quando se mudou de sua terra natal para a capital Montevideú. Por lá, graduou-se em filosofia. Foi professora do tema por cinco anos – tempo suficiente para frustrar-se com a área. O “sistema educativo falido”, como ela mesma caracteriza, a deixava, dia após dia, mais desmotivada.

“Para trabalhar com educação ou você compactua com o sistema e entra no circo todo, ou fica o tempo inteiro brigando contra aquilo. Nunca consegui aceitar. Então sempre ficava brigando com os diretores e com os outros professores. Tudo é um grande circo hipócrita. Quando você estuda filosofia, você aprende a questionar tudo. E filosofia é isso: questionar o sistema educativo, as filosofias dominantes, tudo. Aí você entra no sistema dominante e começa a fazer parte daquilo que questionou tanto. Isso gera muita contradição. A ideia é fazer com que os adolescentes questionem o sistema

no qual vivem. E de repente você ensina aos alunos que tudo o que você mesmo está fazendo está errado, como o processo de avaliação deles. No final, não tem jeito, você tem que avaliá-los.”

Na época, atuando como concursada efetiva de uma escola, uma situação em que um estudante se envolveu com drogas foi o ponto crucial para que a uruguaia desistisse da profissão. Outra professora do colégio vira um aluno fumando maconha três ou quatro quadras distantes da instituição. Ao presenciar a cena, a educadora ligou para polícia, denunciando o jovem. O resultado, de acordo com Faustina, foi um caos. Para ela, houve uma superexposição do garoto e da escola. Ela não poderia defendê-lo, como gostaria. Se estivesse no lugar de sua colega de trabalho, teria pedido ao jovem para que não fumasse nas proximidades da escola e tentaria estabelecer uma relação mais próxima ao garoto, a fim de entender sua relação com a droga. “Não tenho preconceito. Era um menino superlegal. Seus pais terminaram o colocando em uma clínica de reabilitação. (...) Chega, não quero mais isso”, sentenciou.

Com a prática circense já desenvolvida e com o tango afiado (que dança desde os 18 anos), Faustina teve confiança suficiente para deixar a área de formação e encarar um novo desafio: ir para o Brasil. “Quando você faz arte, você se vira em qualquer lugar”.

Apaixonada por um dos estilos de dança mais populares de seu país, Faustina compara: “No Uruguai, tango é que nem o forró no Brasil. Lá, as pessoas escutam tango em casa.” Quando era criança, sua mãe não simpatizava muito com o gênero, mas seu avô acordava todos os dias ao som do tango, além de ser frequentador assíduo das milongas – salão onde os adeptos do ritmo uruguaio se encontram para dançar. Em suma, milonga está para o tango, assim como a gafieira está para o samba.

### **Ser independente**

O pai de Faustina nunca a reconheceu como filha. Fruto de um relacionamento casual de sua mãe, a ex-professora de filosofia preferiu não tentar uma aproximação com ele, que só a procurou quando ela era bebê. “Não me lembro dele. Sei quem é, sei onde mora e sei que tem outra família. Já vi fotos, mas nunca tive interesse em conhecê-lo.”

Anos depois, sua mãe se casou e teve mais uma filha, quando Faustina tinha 18 anos. Hoje, contudo, ela é viúva e atua como diretora de uma escola primária da rede

pública. Ao contrário da mãe, que é tranquila e bem voltada para a família, Faustina sempre foi bastante desprendida. Na verdade, desde quando era bebê. Com apenas um ano de idade, viajou com uma tia e a namorada dela. “Fiquei longe de minha mãe, por um mês, sem problemas. Já era descolada.”

Com vontade de ganhar seu próprio dinheiro desde cedo, com oito ou nove anos, Faustina já pedia a outra tia para que a deixasse ajudá-la em sua papelaria. Até os 15 anos, trabalhara em parte dos verões, fins de semana e inícios de temporadas de aulas. Logo em seguida, integrou a Universidad del Trabajo del Uruguay (UTU) – um centro de educação que oferece cursos técnicos a adolescentes. Obteve conhecimentos de administração em dois anos de formação, além de ter atuado na própria instituição, por meio de um estágio remunerado. Faustina também já foi babá, *office girl* e atuou em setor de cobrança.

Atualmente, mesmo com o filho, ela parece não ter medo de trabalho. Tampouco teme o futuro financeiro dela e de Valentin. “Nem um pouco. Uma tia, que fala o que minha irmã chama de espanhol trágico, me pergunta: ‘Mas, e se você ficar parapléica?’ e ‘Se um dia você não tiver mais seu corpo para trabalhar no circo, vai fazer o quê?’ . Eu respondo: ‘Vou me virar. (...) Ninguém tem estabilidade. Estabilidade é uma ilusão. Quem trabalha em banco acha que é estável, mas o banco pode quebrar amanhã.’ Você pode ficar na rua e, de repente, perceber que não fez nada na sua vida.”

### **As dores de Salvador**

Faustina não sabe dizer se gostaria de deixar o Brasil. No Uruguai, ela não enxerga perspectivas que a entusiasmem. A chama de viajante, entretanto, permanece acesa. Sem ter certeza a respeito de sua estadia em terras baianas, ela é ciente de que suas relações com o Estado são eternas. “Difícil pensar se vou ficar ou não aqui por causa do meu filho.” Devido ao pequeno Valentin, uma raiz na terra já foi plantada.

“Não quero ficar em Salvador. Aqui está insuportável para viver. Ou você tem dinheiro para ter seu carro e trabalhar oito horas (por dia) em um trabalho assalariado que te permita ter uma vida de conforto, ou você mora na favela, e é superfeliz com aquela vida de escutar pagode e beber cerveja o dia inteiro. Essa não é a vida que quero para mim. Ou você tem essa vida, ou a outra, de classe média alta, porque quem fica no meio tá ferrado. Eu gosto de andar de bicicleta. Não gosto de andar de carro. Não tenho interesse nenhum por carro. Quero minha bicicleta. Sou feliz com ela. Quero poder



andar na rua livremente, sem medo. Não tenho interesse em ter dinheiro. Só quero trabalhar com minha arte. Quero uma vida mais tranquila. E aqui em Salvador é impossível ter uma vida segura”, desabafa.

A reflexão de Faustina desembocou em vagas lembranças de uma ameaça sofrida quando estava com seu filho, na praia da Boca do Rio, que costumeiramente frequenta. Um indivíduo fez gestos obscenos em sua direção e se aproximou portando uma arma como se quisesse levá-la para outro lugar. Ela conta não se recordar muito bem como aconteceu, mas fugiu da situação de perigo. “Minha mente apagou um pouco. Acho que foi um mecanismo de defesa. (...) É triste, mas essas coisas horríveis rolam muito aqui (em Salvador). E não quero viver trancada em minha casa.”

### **Proximidade e distância com baianos**

Apesar de ter vários amigos brasileiros, Faustina acredita que é com os estrangeiros (principalmente com uruguaios e argentinos) que consegue aprofundar mais seus vínculos de amizade. Para ela, isso acontece de maneira espontânea, principalmente por conta da identificação cultural mais estreita com outros sul-americanos. Com baianos, especialmente, ela diz ter muita dificuldade de se aproximar intimamente. “Tenho amigos baianos, mas não sou tão próxima. Tem alguma coisa que não permite. Não sei bem a razão”. Por observação pessoal, percebo que essa falha na conexão com os nativos é muito comum entre estrangeiros. Por similaridades de estilos de vida, são mais recorrentes as construções de amizades entre quem está passando por momentos parecidos, como é o caso de viver em terras que não lhe são tão familiares. Os interesses, em geral, tendem a ser convergentes.

É justamente dos amigos uruguaios que ela sente mais falta no Brasil. Mas Faustina vai para lá com certa frequência. Vários amigos também costumam visitá-la. A Bahia é um destino bem atraente, afinal. Ela, aliás, não sente falta alguma das baixas temperaturas de sua terra-natal. “Não sei nem como aguentei tanto frio por tanto tempo. E o problema maior é a longa duração do inverno. De maio a novembro você morre de frio.”

Diante disso, não é difícil deduzir que é o clima o que mais gosta da Bahia. O resultado da combinação das condições climáticas com a natureza que temos, resulta em mais uma paixão de Faustina: a diversidade de frutas da terra. Alimentação é uma constante preocupação para ela que dá valor à comida saudável e se alimenta de peixe

(“pescados na hora”), verduras, além de arroz integral, muitas frutas e dá preferência ao açúcar mascavo.

Um dos papos que tivemos foi realizado em uma loja de produtos naturais, chamada Grão de Arroz. Bem cuidadosa com a sua própria alimentação e a de seu filho, ela não se importa em gastar um pouco mais em alguns produtos para manter a saúde, a mente e a consciência em bom estado.

O tratamento dado aos animais que vão parar em nossos pratos também é alvo de sua preocupação. “Acho que alimentação é tudo. Quando você se alimenta, também alimenta uma indústria que tá vendendo aquilo que você come, alimenta seu corpo e sua alma, então, cuido muito bem do que eu e meu filho comemos. Acho fundamental”. Ela acredita que ao consumir carne comprada em supermercados é bem possível que se absorva altos níveis de energia negativa. “Muito hormônio, muito sofrimento naquilo. Quando você vai comer uma carne de vaca, não tem ideia do sofrimento que ela já passou. Ela fica superestressada na hora de morrer. E você se alimenta daquilo tudo.”

Da Bahia, as heranças afrodescendentes e indígenas também são destaques para ela. Em seu país, há pouca influência da África comparando-o ao Brasil. “Por lá, a tradição dos índios está morta, como eles próprios”. A capoeira e o costume de cultivar e comer mandioca são duas preciosidades nordestinas, em sua opinião.

### **Persona uruguaia**

Em sua personalidade, o senso de humor particularmente uruguaio ainda é forte. “Às vezes as pessoas olham para mim e vejo que se perguntam: ‘Cadê a piada?’ ”. Ela considera a ironia um de seus traços mais marcantes, o que a distancia ainda mais dos baianos que não costumam carregar essa característica, de acordo com a sua percepção. “Aí eu acabo não entendendo as piadas daqui e ninguém entende as minhas,” comenta entre risos.

Seu filho fala português, mas ela faz questão de falar com ele apenas em espanhol. Com a presença de algum familiar uruguaio por perto, Valentin vai dando sinais de que sabe falar mais castelhano do que se supunha. “A gente é nossa cultura. A gente tem o que a família nos passa, mas a cultura modela a gente”, observou Faustina sobre o fato de a criança estar se formando com uma identidade cultural baiana, apesar de sua influência. Somente pelo fato de ser uruguaia, ela já tem residência permanente no Brasil, em função do acordo de imigração que envolve os países do Mercosul. Por

causa do filho, está apta a solicitar cidadania brasileira, o que lhe permitiria ter benefícios como poder participar de concursos públicos. Ela cogita a possibilidade.

Pelo que se recorda, o primeiro contato que teve com a Bahia aconteceu por meio de transmissões anuais do Carnaval feitas pela TV de seu país. No programa chamado “Rio Carnaval”, a folia carioca era, obviamente, o eixo-central. Porém, Salvador aparecia em flashes. Da celebração baiana, ela gosta mesmo é dos blocos afros e festas que acontecem no Pelourinho. Dispensa a fatia *mainstream* da festividade. Dá até para curtir um “axé das antigas” – termo que conhece e aprova. Mas o que ela abomina mesmo é o pagode. “Anota aí, o que mais detesto na Bahia é o pagode. Aliás, não. O vizinho pagodeiro é o que mais odeio”. Apesar das risadas ao falar do assunto, ela é bem crítica em relação às letras do estilo. “São muito escrotas.”

A degradação recorrente da mulher nas linhas das gravações do gênero já lhe renderam brigas com vizinhos. Hoje, apesar de morar perto da favela Irmã Dulce, na Boca do Rio, Faustina vive um pouco isolada da poluição sonora que assola o local. Sua casa fica em uma espécie de vilarejo, em um extenso terreno do bairro. Os ruidosos não ficam mais por perto para lhe incomodar – com exceção de um lava-jato que, de vez em quando, solta um *pagodão* em altos decibéis. Mais tolerante com o passar dos anos, ela já não se incomoda tão intensamente. “É a cultura daqui. Fazer o quê?”

## **Relações e repressões**

A relação machista entre homens e mulheres foi o grande choque cultural que Faustina sofreu. O tratamento, os olhares e a forma de falar masculinos com (e sobre) as mulheres a incomoda desde os seus primeiros passos em Salvador. A falta de reação delas diante dessa realidade também a inquieta.

“A mulher uruguaia é mais masculina, pelo menos se comparada à mulher baiana. A gente faz coisas de homem. Coisas que aqui são consideradas de homem. Lá não. A gente não tira o cabelo das axilas. Comecei a tirar aqui na Bahia porque não aguentava mais toda vez levantar o braço e todo mundo se surpreender. (...) Hoje em dia, muito mais gente anda de bicicleta pelas ruas da cidade, mas, quando cheguei, quase ninguém andava. Ia de Pituvaçu ao Pelourinho de *bike*. As pessoas gritavam: 'você está louca?'. Mulher de bicicleta? Vai para casa, menina!. Parece brincadeira, mas isso acontecia muito. As pessoas, aqui, têm muito preconceito com qualquer coisa que a mulher faça que não seja feminino. Um amigo me perguntava: ‘Por que você é assim,

não se maquia e não usa saia?’, ‘Por que você não é mais feminina?’. Aqui, há uma ideia diferente do que é ser feminino”, esclarece.

No início de sua estadia na Bahia, ela achava que todas as mulheres eram submissas e abaixavam a cabeça para as regras sociais de comportamento impostas a elas. Hoje em dia, Faustina diz entender melhor o cotidiano das baianas e as enxerga como “muito poderosas”. “Já vejo o outro lado disso. Nas favelas, quem segura a vida dos homens é a mulher. Nunca morei na Pituba ou na Barra, sempre na Boca do Rio, na favela mesmo, e vejo uma mulher que muita gente de classe média ou alta não conhece”. Ela sempre observou que as mulheres das favelas não saem muito de casa. Se saem muito são depreciadas. As roupas que vestem também colocam adjetivos negativos nas línguas masculinas. “No começo, pensava que nunca namoraria um baiano. Era difícil entender o jeito com que o baiano nos olha e chega na gente”.

Questionada sobre o que levaria do Uruguai à Bahia, se pudesse, a resposta foi instantânea: “Os homens“. Mas Faustina justifica. Segundo ela, em seu país a relação é de igual a igual. Apesar disso, todos os homens que citou ter se relacionado desde que chegou ao Estado são nativos.

Ela conta que tem muitos amigos homens, mas não baianos. “Tenho um amigão daqui que é íntimo mesmo, mas sei que a gente deitar numa mesma cama ele vai querer me comer. Tem isso aqui. É machismo. Se isso não acontecer, ele vai ser considerado gay e vai se perguntar: ‘Como assim, eu estou aqui com uma mulher e não vou fazer nada?’”. O hábito de dormir abraçada com amigos ficou, definitivamente, no Uruguai. Essa barreira cultural parece afastá-la de amizades com homens locais. Segundo ela, em seu país também há classes machistas, mas a intensidade é bem inferior por lá.

“Acho que meu filho seria mais bem criado no Uruguai. Meus princípios são uruguaios. Aqui, os garotos são criados de uma forma que eu não concordo.” Faustina justifica sua colocação contando o episódio em que foi comprar um par de sandálias para o pequeno. Ela o deixou livre para a escolha. Valentin optou por um par cor de rosa. Ela preferiu não falar que rosa é cor de menina porque não compartilha dessa ideia. O garoto usou as sandálias, mas apenas por um dia. Não quis mais. As piadas referentes à coloração do objeto o deixaram acanhado. “Eu não digo que no Uruguai não haveria um idiota que faria a piada, mas seria um ou dois. Aqui, todo mundo fez chacotas, até o avô dele.” Valentin teve outro gosto recém-cerceado: o de andar nu na praia. Ela observou que o garoto já sente pudor com seu corpo a partir de comentários do tipo: “bota uma

cueca” ou “o peixe vai pegar seu pinto”. Faustina não entende por que as pessoas a sugerem que já ela vista o garoto. “Isso é a cara da repressão sexual.”

Seu primeiro namorado baiano é um dos brasileiros menos machistas que ela conhece. Mas a cultura em que ele está inserido não permitia que lidasse naturalmente com situações como o jeito dela se sentar numa cadeira sem a preocupação de cruzar as pernas. Ele pedia que ela não se sentasse daquele jeito na casa dele, em frente de seus familiares. “Como o conheci aos 29 anos, isso não vai mudar nada em mim. Sentava-me como ele preferia na frente dele e lá fora como eu gosto. Mas se você fala isso para uma criança, você já mostra a ela que isso aqui é privado (diz, apontando para sua parte genital). Aliás, é assim para uma menina, porque para um menino não há problema. Ele é considerado superior a mim. É uma repressão muito sutil, mas existe.” Para ela, reprimir a sexualidade de uma criança é fazer mal à saúde dela, até porque a falta de uma sexualidade livre e sadia pode acarretar em perversão.

Em visita à Bahia, sua mãe ficou assustada com a cena de uma menina, de cerca de seis anos, vestida de short e *top*, bem pequenos. Em um bar, a garotinha dançava uma música de pagode, de forte conteúdo sexual. Em uma mesa próxima, havia quatro senhores bebendo, mirando a menina. “A cena foi muito triste. Ela queria chamar a polícia, mas expliquei que aquilo era cena cotidiana aqui”. Definitivamente esse contingente que envolve sexualidade, repressão, machismo e subordinação é o que mais choca Faustina.

### **Sob a lona da Bahia**

Com o fim da entrevista, Faustina me apresenta a uns saborosos e naturais picolés, enquanto me conta que joga capoeira. Não qualquer uma, mas a capoeira de Angola. De acordo com ela, a prática envolve aprender a música e a história do estilo. Também comenta como foi curioso ter ficado na Boca do Rio até hoje, bairro em que saltou do ônibus para se abrigar no circo mais próximo, no dia que conheceu Salvador. Entre tropeços no seu português, que recebe palavras em espanhol a todo o momento, ela lembra que, desde que chegou a Salvador, voltou ao Uruguai algumas vezes, mas nunca de carona.

Com a sua visão peculiar de mundo, diferente das mais populares por aqui, é possível que seu filho também desenvolva uma mentalidade distinta da local. O fato é que sua conexão será eterna com a Bahia. Chegar ao Estado foi uma consequência, um

desvio de rota. Continuar aqui foi resultado de uma série de fatos. O maior deles, claro, foi o nascimento de Valentin.

Itinerante como o próprio circo, Faustina não sabe onde será sua próxima parada. Talvez desvie o rumo de sua vida com outra trupe. Ou seguirá como caminhante andariilha por algum canto outro do Brasil – ou do mundo. Certo é que, de carona em carona, e de aventura em aventura, a imprevisibilidade do futuro lhe é excitante. Filosoficamente livre das convenções comuns impostas para a vida de um adulto, a inquieta mulher não permite que a vida escolha seus caminhos. As ruelas e os becos pelos quais trafega são sempre opções de sua alma, que grita com sede de viver. Com ouvidos apurados para seu próprio espírito, ela procura aquilo que a preencha na temporada seguinte. Enquanto isso, segue fazendo arte sob a lona da Bahia.

## Contando os dias

### *Perfil de Graham*

“Não estou certo de que você queira minha participação neste projeto de perfis. Quanto mais reflito sobre a sociedade e a minha vida aqui, mais amargura e desgosto sinto por Salvador e pela Bahia. Não tenho muita coisa boa para dizer.” As primeiras linhas de resposta, via e-mail, de Graham Thomas Hearn, fisgaram a minha atenção, instantaneamente. Todos os estrangeiros com os quais dialoguei têm lamúrias sobre a cidade, mas o que este canadense, de 33 anos, parecia sentir beirava a animosidade. Foi o único que não respondeu a lista de perguntas básicas que enviei, antecipadamente, para cerca de 70 estrangeiros que vivem no estado. “Estou muito ocupado e não estou a fim de escrever longas explicações em inglês ou português.” Apesar disso, sugeriu logo em seguida uma entrevista, topando, portanto, participar sem objeções do projeto. Ele deixou claro que, conversando pessoalmente, “poderia moderar o teor da negatividade”. Minha primeira impressão sobre ele não poderia ser outra, mas achar que ele estava contando os dias para se ver livre da capital baiana.

Quando a gravação se iniciou, o papo já tinha começado e ele reclamava dos altos preços do Brasil. “Quatro anos atrás, quando vim pela primeira vez, percebi que, financeiramente, fazia mais sentido ir para a Argentina porque é muito, muito mais barato. Aqui é muito caro. Você gasta muito e não desfruta tanto. Enquanto isso, na Argentina é o oposto”. Apesar da queixa, ele viajou pelo país, sozinho, por três meses. Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu, Brasília, Salvador, Recife e São Paulo foram alguns dos destinos.

Além disso, convidado por uma garota que conheceu na capital carioca, passou o São João em Arco Verde, Pernambuco, experiência que adorou. “É o melhor São João .” Pergunto se a garota anfitriã deu esse adjetivo à festa ou foi outra pessoa que a colocou no topo. “Não sei, parece provável que seja o melhor. Tem outros maiores, mas quando algo é muito grande deixa de ser divertido por causa da multidão. A festa em Arco Verde foi pequena o suficiente para você dar umas voltas e grande o bastante pra você ter opções e ver muitas coisas acontecendo. Acho que era o tamanho ideal.” E explica que a opinião é mesmo sua. Ele não voltou mais ao local porque passou a acompanhar a

família de sua esposa, que passa todo São João na cidade em que seus pais nasceram: Terra Nova, interior da Bahia, a cerca de 80km de distância da capital.

18 segundos de silêncio. Quando perguntei sobre as primeiras impressões que teve ao chegar ao Brasil, ele demorou esse tanto para responder. Estava indeciso diante das inúmeras adversidades vistas, imaginei. Engano meu. Ele diz apenas ser difícil destacar algo que percebeu logo na chegada. “Talvez alguns problemas de infraestrutura que vi. Estava alagado em Curitiba e o trem que pegaria para o litoral não estava funcionando,” relata. Percebi que já comecei a conversa impregnado pelo tom das linhas trocadas por e-mail. “Depois soube que a cidade, na verdade, tinha uma das melhores infraestruturas do país”, conta rindo. Como já visitou dezenas de diferentes países ao redor do mundo, ele afirma que é necessário muito mais para chocá-lo.

Beirando os 1,75m de altura, Graham é um magro cheinho, não chega a ser gordo. Pele branca, olhos azuis, cabelos escuros curtos e ondulados. Com um constante, porém, tímido sorriso no rosto, ele demonstra ser reservado. Apesar disso, responde a todas as perguntas, sem pestanejar. É objetivo e curto em algumas delas. Matemático, ele enxerga probabilidades e lógica em diversas situações que vive. Tem um raciocínio sarcástico e é muito bem-humorado.

### **Surf no sofá**

Foi em junho de 2010 quando, de cara, simpatizou-se por Salvador. Uma das festividades mais tradicionais do Estado estava prestes a acontecer. A proximidade do São João era responsável por vários shows gratuitos na cidade e isso lhe cativou bastante. Mas a culpa da empatia instantânea pela capital da Bahia foi da grandiosidade sufocante do Rio de Janeiro, onde estava anteriormente. A noção de que a capital baiana era menor lhe agradou logo na chegada. Entretanto, a sua sintonia com a cidade enfrentou um hiato: no primeiro dia ainda ele sofreu uma tentativa de assalto. Procurando por um evento, à noite, no Bairro do Rio Vermelho, ele aceitou ajuda de um garoto de uns 15 anos de idade. Mesmo apreensivo, seguiu o menino que em um determinado momento o pediu dinheiro. Ele deu um real. O garoto não se contentou e pediu mais. Por ter negado, Graham teve seus bolsos “revistados”, mas nada lhe foi arrancado. Ele reagiu e o garoto fugiu. “Se ele estivesse armado, claro, não teria discutido.”



O canadense estava à procura de um tradicional encontro semanal entre viajantes e apaixonados por viagem que moram na cidade. Site que promove a troca de hospitalidade entre seus cadastrados, o CouchSurfing (CS) é a rede que liga todos do grupo. Em 2012, atingiu a marca de um milhão de membros que o utilizaram para ser hospedados, hospedar, apresentar uma cidade para alguém, tomar um café com um viajante ou, simplesmente, trocar informações.

O encontro, porém, não era naquele dia. Em outro momento, adeptos do site, que em uma tradução literal significa “Surfando no sofá”, promoveram uma festa no apartamento de um deles e Graham lá estava. Foi quando conheceu a estudante de medicina Luana Machado, 23 anos, que viria a ser sua esposa. Aquela empatia com Salvador deve ter ressurgido depois disso. Entre albergues e sofás, ele ficou na cidade por duas semanas, seguiu para outros locais e, então, voltou por mais alguns dias para ver a garota, antes de retornar para a sua terra-natal. “Não fosse ela, não voltaria. Há pouquíssimos lugares no mundo que voltaria e Salvador não é um deles”.

Com a missão “Participação na criação de um mundo melhor, um sofá de cada vez”, o site está no caminho certo, ao menos na vida de Graham já que seu mundo ganhou nova cor com sua “surfista” predileta. Os dois, aliás, já hospedaram viajantes algumas poucas vezes. “O espaço que temos é muito pequeno, não deu mais”, conta. Seu perfil no site conta com 39 avaliações positivas, uma neutra e nenhuma negativa. Em sua foto principal, aparece sorrindo segurando uma espingarda, ao lado de um senhor negro, a 4550m de altitude, ponto mais alto da Etiópia, o Ras Dashan. Na sessão “Tipos de pessoas de que eu gosto” aparece “As aventureiras e engenhosas (ex.: viajantes).” A primeira vez que fez uso do site, estava morando no Chipre, em 2004, e era a única pessoa no país que hospedava através do site, segundo ele mesmo. Ou seja, seu sofá foi bastante usado por lá.

O primeiro contato que teve com o CS foi impulsionado por um link que viu no site metafilter.com, em que pessoas publicam e comentam dicas de sites que consideram interessantes sobre qualquer assunto. Desde então, Graham vem hospedando viajantes e sendo hospedado mundo afora.

## **Pelo mundo**

Graham graduou-se em filosofia com matemática e ciência cognitiva. A explicação para o caminho acadêmico que tomou é curiosa. “Comecei estudando

matemática, mas fui tolo e escolhi a universidade mais difícil do Canadá, a Universidade de Waterloo.” Ele diz também que é a melhor instituição técnica do país. Junto ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), localizado nos Estados Unidos, é o destino das atenções de grandes empresas americanas para encontrar jovens iniciantes na área. “Você pode imaginar que o programa é para quem quer se envolver somente com matemática. E eu não sou assim. Gosto de muitas coisas, então, descobri que aquilo foi uma má ideia”. Trocando o curso, se formou em filosofia. Por lá, “as instituições de ensino são mais flexíveis que no Brasil e possibilitam que você estude diferentes áreas. Aqui, você escolhe um curso e foca só naquilo.”

O primeiro contato de Graham com um brasileiro se deu ao cruzar o caminho de uma mochileira em Dresden, na Alemanha, em 2002. Assim como ela, ele também estava de passagem por lá. Eles se deram bem e seguiram juntos para Praga. “Quando você está viajando como mochileiro, principalmente sozinho, e encontra outros mochileiros solitários acaba viajando com eles.” Ele tinha tirado férias da faculdade. Neste intervalo, que durou um ano, o canadense também morou em Oxford, na Inglaterra, trabalhando em um cinema. Foi lá que teve um contato mais significativo com brasileiros, seus colegas de trabalho. Somando o ano fora do Canadá com os trabalhos que eram intercalados com a faculdade, ele concluiu sua graduação em cinco anos.

Aos 22 anos de idade, foi trabalhar no Chipre, uma ilha no Mar Mediterrâneo. Pertencente a União Europeia, o país é localizado próximo à Turquia, Síria e Líbano. Por dois anos, gerenciou um escritório de uma empresa de prestação de serviços de planejamento de pagamento tributário para companhias holandesas, que abriam contas bancárias e empresas em paraísos fiscais nos Emirados Árabes ou no Panamá, por exemplo. O procedimento, considerado legal, é conhecido como *offshore*, e objetiva a minimização da carga fiscal que estas empresas teriam que custear em seus países sede.

Foi transferido para Dubai, nos Emirados Árabes, aos 24 anos, cidade que mais gostou de viver até hoje. “A não ser que você seja uma amante de grandes resorts, de centro de compras ou um apreciador de arquitetura moderna, talvez não seja um lugar tão interessante para visitar. Mas é fantástico para viver desde que você não se meta em problemas.” É que eles têm algumas leis retrógradas. Um conhecido seu, foi preso, recentemente por ter produzido um vídeo se divertindo com pessoas de um determinado bairro. “Não as ridicularizando, apenas brincando. As autoridades se sentiram ofendidas e o colocaram na cadeia”, conta. Apesar disso, ele considera a cidade maravilhosa para morar por ser um conglomerado de culturas do mundo todo. Cosmopolita, o local possui

opções de gastronomia de todos os cantos do globo e oferece a possibilidade de ser fazer amigos de dezenas nacionalidades diferentes. Em tom de brincadeira, perguntei se Dubai chegava a ser melhor que Salvador. Ele riu ao dizer que “não tem comparação”.

## **Da África do Sul ao Sudão**

Após dois anos, Graham saiu do trabalho e partiu para a África em uma jornada que durou dez meses. A oportunidade de realizar a viagem era muito boa já que naquele momento de sua vida não lhe faltavam tempo, nem dinheiro. É verdade que também tinha uma namorada, mas isso não foi problema, ele a deixou em Dubai e embarcou mesmo assim. “Fui para África do Sul sem ideia do que iria fazer em seguida. Voei apenas com a passagem de ida.” Ansioso para conhecer novas culturas, encarou o desafio mesmo tendo noção de que financeiramente seria muito mais vantajoso ter permanecido no emprego.

“Na maior parte do tempo, acampe. Não havia tantos albergues”, conta. Com dois brasileiros que conheceu através do CouchSurfing, percorreu alguns países. Para isso, eles fecharam um acordo com um casal de sul-africanos que estava viajando de carro. Um dos brazucas, de Santa Catarina, achou o casal em um fórum online chamado Thorn Tree Travel Forum (ou Fórum de Viagens Árvore de Espinhos, em tradução livre) da famosa editora de literatura de viagens Lonely Planet. Os rapazes pagaram para que o casal dirigisse. “Foi como um pacote de viagens de certa forma, mas não profissional.” Os cinco, então, cruzaram a Namíbia, e a Botsuana até que uma previsível intempérie aconteceu. O carro *encalhou* na Zâmbia. “O motor parou. O motorista, que era mecânico, por algum motivo havia pagado para outro profissional remontá-lo e ele o fez de trás pra frente”, comenta sorrindo. O carro só chegava aos 40 km/h dando sinal de que algo estava errado. A viagem pela Namíbia foi calculada para levar duas semanas e durou quatro. Se por um lado, ele gostou de ter apreciado o cenário africano sem pressa, por outro, a viagem tornou-se mais cara que o previsto já que o pagamento era por diária.

Quando a fumaça começou a ser vista saindo do motor do veículo, os viajantes estavam visitando as Cataratas Vitória, no Rio Zambeze, fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe. Com aproximadamente 1,5 km de largura e altura de 128 m, a queda d’água é uma das mais conhecidas do mundo. Pelo problema automotivo, o casal teve que ficar no local e os outros três continuaram a explorar o continente, a bordo de transportes

públicos, por Maláui (o lugar que se tornou seu favorito no continente), Moçambique, Tanzânia, Quênia, Etiópia e, finalmente, Sudão. “Ficamos de nos encontrar mais tarde, em algum momento, mas isso não aconteceu. Acabei perdendo dinheiro porque paguei antecipado,” lamenta.

Apesar da única mulher do carro irritar a todos, ele conta que a convivência entre os cinco aventureiros foi tranquila. “Ela cozinhava, às vezes. Fora isso não ajudava muito. Havia muito trabalho porque acampávamos todo dia e tínhamos que fazer fogo e tudo mais. E, claro, pelos sul-africanos serem um casal, brigas ocorriam a todo o momento.” Ao final, ele ficou satisfeito pela escolha de viajar desta maneira. “Cheguei a considerar, antes, viajar de ônibus turístico pelo continente, mas era uma má ideia e fiquei feliz por não tê-lo feito. Esse tipo de transporte faz você pensar que está na África quando, na verdade, não está.”

Em um determinado momento da viagem, seu namoro foi para o espaço. Por outro lado, o paranaense da viagem tinha acabado de se casar. “Essa viagem era um sonho pra ele. O casal ficou em contato por todo o tempo e se encontraram, após três meses, na Tanzânia”. Natural de Curitiba, Guilherme Canever publicou um livro mais tarde, sobre a jornada. “De Cape Town a Muscat, uma aventura pela África” foi resultado de três anos percorrendo territórios do sul e da costa leste da África e Oriente Médio.

Graham menciona que gostou muito do povo de Maláui, que, no geral, fala inglês. “É muito fácil conhecer gente bacana por lá”. A Etiópia também o surpreendeu positivamente. “Foi o país com a cultura mais interessante que já visitei.”

### **Na Bahia, ele se vira**

Com o fim da jornada, em 2009, ele voltou a Dubai para tentar um novo trabalho. Mas o ano era de crise e ninguém estava contratando. Após alguns meses entre os Estados Unidos e Canadá, ele aterrissou no Brasil. No total, passou cerca de um ano e meio apenas viajando, com exceção do trimestre que passou ensinando em Moçambique. “Pude economizar em Dubai. Lá muita gente vive esbanjando dinheiro. Eu vivi modestamente. Aproveitei a vida, mas sem gastar dinheiro.”

Após sua passagem pelo Brasil, estudou Aviação Eletrônica, por oito meses, em sua pátria-mãe. Sua então namorada aproveitou as férias de verão para ir ao seu

encontro. Ao finalizar o curso, em maio de 2011, Graham retornou ao Brasil para viver com ela. Eles se casaram em setembro do mesmo ano.

Atualmente, ele tem recursos provenientes de investimentos no Bitcoin (uma espécie de moeda virtual e método de pagamento), na bolsa de valores, mas principalmente do ensino de inglês e de traduções que faz. De vez em quando, também vende produtos que traz de fora para brasileiros. Ele conta que sua primeira venda foi um saxofone usado. “Comprei aleatoriamente. Um cara que conhecia queria me vender e por um preço que era justo. Pensei que poderia provavelmente comprá-lo e vendê-lo por um bom preço no Brasil. Achei que o risco valeria a pena. Demorou um pouco, mas consegui um comprador”, conta. A relação de amizade com o músico que comprou o instrumento, porém, estremeceu quando o produto apresentou um problema e ele julgou que o canadense o havia vendido já com a avaria. “Nossa amizade tinha potencial”, lamenta.

Sem um trabalho fixo desde 2008, Graham tem investido seu tempo mais recentemente na pesquisa sobre investimentos. “Estou me virando”, diz sem demonstrar qualquer preocupação. “Como o Bitcoin foi valorizado cinco vezes mais no último mês, passei bem. Isso me fez sentir não tão mal”, explica rindo. Sobre o Bitcoin, ele se empolga falando sobre como o sistema funciona.

Primeira moeda digital descentralizada, ela pode ser transferida de pessoa para pessoa sem passar por um banco ou instituição financeira ocasionando em taxas muito menores. Isso significa que a conta do usuário pode ser utilizada em qualquer região do planeta e não há risco de ser congelada. Criado por um sujeito desconhecido autodenominado Satoshi Nakamoto, o Bitcoin é muito forte no Canadá e na Alemanha, mas no Brasil ainda não. “Apesar de estar crescendo muito, menos de 1% da população mundial o utiliza”. Sobre o misterioso fundador, há várias hipóteses. “Ele escreveu o projeto em um inglês perfeito. Talvez seja japonês com pais nativos da língua inglesa, talvez ele nem mesmo seja japonês, só utilize o nome. Pode também não ser uma pessoa só, mas um grupo,” supõe. Baseado nos horários de postagens, as pessoas inferem de que nacionalidade ele pode ser. “Se fosse japonês, ele teria que fazê-lo no meio da noite”, desconfia Graham. As confabulações o instigam. O fato é que ele o considera um gênio por combinar tecnologias em um único sistema.

## **Problemas linguísticos**

Em Salvador, o canadense já ensinou em escolas de línguas, mas considera o retorno muito baixo. Prefere dar aulas particulares e fazer traduções. “Gosto de resolver problemas linguísticos, de desvendar qual é a melhor maneira de fazer uma sentença soar em inglês, como soa em português”, exemplifica.

O início do aprendizado da língua portuguesa ocorreu em Moçambique, onde permaneceu por três meses durante sua jornada na África. Uma escola internacional de uma das cidades em que passou precisava, urgentemente, de um professor. Ele atuou na instituição ensinando matemática e ciências. No país, parte da população fala português, parte fala idiomas locais. Na localidade onde permaneceu, fala-se português em situações públicas e com outros lusófonos. Entre eles, apenas línguas africanas. “Não falavam um português muito sofisticado, mas pra mim foi bom já que precisei aprender desde o nível mais básico”, avalia.

Apesar de ter ouvido poucas palavras suas em português, Graham afirma que se vira bem com seu nível intermediário no idioma. A sensação de que não consegue dizer na língua local exatamente o que gostaria de dizer o desmotiva a praticá-la. “Falo português quando preciso. Mas em maior parte do tempo posso falar inglês e me expresso muito melhor, então...” Sua região no Canadá fala inglês, porém ele também aprendeu francês por lá. Ao visitar a Rússia aprendeu um pouco do idioma russo porque, de acordo com ele, gostou das pessoas que conheceu por lá; e também aprendeu um pouco de grego quando vivia em Chipre.

Em uma das escolas de idiomas em que trabalhou em Salvador, chegou a tomar algumas lições de português, mas não evoluiu muito “Prefiro estudar em casa, sozinho, o que é irônico pra um professor de inglês”, observa. Ele diz não precisar de muita orientação, só para resolver questões específicas, e que sua esposa não teve um grande papel no aprendizado já que eles costumam falar em inglês. “O melhor modo de aprender é tentando se comunicar mesmo”, opina.

Em um intervalo de segundos no papo para eu conferir a qualidade da gravação, ele volta a falar do sistema de moedas que está fazendo a sua cabeça. “Você disse que morou na China, certo? Quando mencionei o grande fator pelo qual o Bitcoin cresceu cinco vezes no mês passado (outubro de 2013), a razão maior foi a China. Alguns documentários exibidos pela TV chinesa espalharam informações sobre o tema. E por ser um meio de ladear os controles da moeda, tornou-se popular. Ainda continua muito pequeno considerando um país grande como a China, mas numa escala de crescimento está indo muito bem.”

## **Estranho no ninho**

A história sobre o início de sua vida de viajante é quase poética. Apenas algumas semanas depois de ter nascido, na ilha de Newfoundland, na costa leste do Canadá, sua mãe o levou, de helicóptero, para o continente, para que ela voltasse a trabalhar. Desde então, Graham não parou mais de viajar. Coincidentemente, o local de seu nascimento, aliás, significa Terra Nova, em português, mesmo nome da cidade onde seus sogros têm raízes, na Bahia.

Os pais do canadense se mudaram algumas vezes de cidade e até de país. Dos cinco aos sete anos de idade, a família viveu em uma região do interior da Inglaterra chamada de East Midlands. Ele diz que, por essa experiência, tem um sotaque não tão comum para um canadense. “Posso sentir a diferença.” A experiência, quando criança, não foi agradável. “Quando estudava na Inglaterra, era considerado canadense. Quando voltei para o Canadá, era um inglês. Sempre um estranho no ninho,” analisa. “O Canadá é mais aberto para diferenças que a Inglaterra, ao menos para crianças em escolas públicas”, conclui entre risos.

Ele acredita que por ter se mudado tantas vezes, hoje, não consegue se fixar em um mesmo lugar completamente. “Não há um local no mundo que eu possa chamar de lar. Talvez o Canadá, como um país. Mas não sinto um vínculo forte, exceto por algumas ideias que definem como é a nossa sociedade.” À propósito, sua mãe também é canadense, mas seu pai é inglês. O casal gosta de viajar, mas nem chega perto do filho. “Eles não são viajantes *hardcore*, mas gostam de conhecer o mundo”. Atualmente, estão em um processo de venda de um jornal sobre silvicultura e mineração, as duas maiores indústrias no Canadá, para que possam se aposentar. No passado, ela atuou como geógrafa e ele como diretor de comunicação de uma empresa de silvicultura.

## **Vida em Salvador**

Apesar de seu espírito de aventura e do prazer que sente em viajar, sua vida social em Salvador é bem pacata. “É tão inconveniente ir longe. Não gosto, mas vou.” Os engarrafamentos, a falta de estacionamento em certos lugares e os flanelinhas (que “às vezes cobram valores exorbitantes”) deixam Graham sem vontade de cruzar a cidade para ir a outro bairro. Sorte dele morar na Barra, um bairro que o agrada. “É, comparado com outros locais da cidade, gosto daqui.” Um fator que considera

razoavelmente positivo na região é a segurança. “Não é exatamente boa, mas não é tão mal.” Lojas e restaurantes ao alcance de caminhadas o satisfazem. Ter a praia por perto é também interessante, embora ele não a frequente sempre. “É bom ter o oceano logo ali,” conclui.

Questionado sobre amizades com outros estrangeiros na Bahia, ele afirma não ter contato com nenhum. Na verdade, com praticamente ninguém, além de sua namorada e familiares dela. “É que não conheço gente que gosto aqui”. Pergunto, então, se fora Luana e seus parentes, o resto ele simplesmente tolera e Graham cai na risada. Rimos muito, na verdade. “Eu não diria isso dessa forma, me faz parecer um babaca.” Pergunto se tem algo no comportamento do baiano que ele não gosta e ele diz não ter problemas. “Consigno lidar com isso”. Mas, definitivamente, não está gostando nada de morar na Bahia. E não esconde. “Quando você tem uma boa rede de contatos é mais fácil (gostar de onde você mora). As outras pessoas fazem o trabalho de encontrar coisas interessantes pra fazer. Imaginando uma realidade alternativa (com mais amizades), as coisas seriam diferentes.”

Ele chegou a encontrar no The Dubliners, um bar no Rio Vermelho, um lugar onde pode ouvir um bom rock. Mas ainda não conseguiu escutar um jazz que apreciasse de verdade. Acredita que os músicos que se apresentam nas sessões de Jazz no Mam (evento promovido pelo Museu de Arte Moderna da Bahia) são bons, mas tocam um estilo bem moderado porque o público não se importa com o gênero. “O que conheço não é muito satisfatório, mas é melhor que nada. Musicalmente é bom, mas do jeito que é feito, não.” Para ele, o ambiente nem se aproxima de uma boa atmosfera para este tipo de música. “Um pequeno e escuro bar com umas cinco pessoas fazendo algo como uma intensa experimentação” seria o ambiente perfeito. Completando a sua lista de entretenimento (ou de tentativa de se entreter) estão o Clube dos Médicos, na Boca do Rio, e caminhadas pela Barra mesmo.

Luana e Graham pensam em deixar o país em 2014 depois da formatura dela. Ainda não sabem pra onde, nem quando, exatamente, mas continuar aqui não parece ser possibilidade para ele. O casal ficou ainda mais certo disso após as mudanças políticas que envolveram o Programa Mais Médicos, do Governo Federal, “deixando mais difícil ser médico”. “Isso torna o futuro da profissão menos seguro. Uma vez que mudanças assim são feitas, quem sabe o que pode acontecer mais tarde?”, questiona. Eles planejam filhos (uns dois ou três), mas somente quando a vida dos dois se estabilizar. “São muitas incertezas, agora.”



Alguns gêneros tradicionais da música baiana lhe atraem, no entanto, como o samba de roda “Não que eu me interesse muito por isso, mas valorizo.” A comida baiana também não lhe encanta, embora possa até gostar de moqueca caso não esteja submersa em dendê.

## **Domicílio**

Se pudesse escolher, seu próprio destino seria mesmo o Canadá (pelo ótimo nível de qualidade de vida), Dubai (exceto pelo conservadorismo político e social) ou até a Nova Zelândia (não fosse a distância, mas dessa nação só ouviu falar). O Brasil seria uma opção caso sua esposa conseguisse um bom emprego em sua área em uma localidade menor. “Consideraria até me mudar de cidade no país, mas não haveria chances de ficar em Salvador. Seria uma boa ideia comprar uma chácara às bordas de uma cidade pequena e talvez ter uma fazenda e dar uma educação domiciliar aos meus filhos. Não colocaria meu filho no sistema de educação do Brasil,” afirma.

Fazer as crianças se sentarem em cadeiras e seguirem, dia após dia, um currículo homogêneo de disciplinas criado por autoridades não é o melhor meio de educar, ele acredita. Para Graham, o processo deveria ser mais orgânico em que o sistema atual fosse apenas um elemento da educação. Os interesses e personalidade de cada criança teriam que vir primeiro. A atual estrutura educacional, em sua opinião, não tem nada a ver com essa ideia. Como referência de educação infantil, ele destaca a renomada escola democrática inglesa Summerhill School, na qual os alunos escolhem as aulas que desejam frequentar e, em assembleia, decidem as normas da instituição.

Graham foi o único perfilado que preferiu dar entrevista no seu próprio idioma. Apesar da clara rejeição a Salvador, face à profunda falta de identificação, ele não demonstra arrogância e nem se coloca em uma posição superior aos soteropolitanos ou ao modo local de vida. Seu olhar meio perdido fez-me esquecer por vezes seu sagaz raciocínio. Viajante nato, ele tem mais de quatro dezenas de países em seu histórico de aventuras, mas tantos roteiros ainda não foram suficientes para que encontrasse seu próprio lugar.